

Segundo Capítulo

2

A Reforma Protestante do Século XVI: um Caminho para a Liberdade Cristã

Há de se afirmar, e de forma categórica, que o tema central de toda a Reforma Protestante do Século XVI é o da liberdade. Diante de tal constatação, torna-se imperativo conhecer um pouco sobre a Reforma, como movimento fundamentalmente religioso²³⁵, mas com profundas conseqüências sociais, institucionais, políticas, econômicas, culturais.

E, mais particularmente, pesquisar sobre João Calvino, um dos maiores reformadores, contemplando seu contexto histórico, sua vida, obra, sua influência no seu tempo e em nossos dias, a partir, sobretudo, de sua teologia, mapeando suas afirmações antropológicas, cristológicas, soteriológicas e eclesiológicas, o que faremos no terceiro capítulo, fato que certamente resultará na aferição de um resgate do Evangelho primitivo, bem como da teologia dos grandes Pais da Igreja.²³⁶

²³⁵ Em concordância com tal afirmação, citamos o teólogo Hermisten Maia P. da Costa, que corrobora com tal declaração, em seu artigo A Reforma Protestante, em **O Pensamento de João Calvino**. São Paulo: Ed. Mackenzie. 2000, p. 14. Em nota número 7 há outras contribuições dignas de serem citadas para ulterior pesquisa: BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1990, pp. 43,67; SCHAFF, David S. **Nossa Crença e a de Nossos Pais**. São Paulo: Imprensa Metodista. 1964, p. 66; Fernández-Armesto & Derek Wilson. **Reforma: O Cristianismo e o Mundo 1500-2000**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 11; GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova. 1994, p. 20; O filósofo católico Battista Mondin disse: “A Reforma Protestante foi um acontecimento essencialmente religioso, mas causou, ao mesmo tempo, profundas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais”. (B. Mondin. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Paulinas. 1981, Vol. II, p. 27). Em outro lugar afirma: “Como dissemos no início do capítulo, a Reforma Protestante foi antes e acima de tudo um acontecimento religioso. Em conseqüência disso, ela deve ser estudada e julgada segundo critérios religiosos, mais precisamente, segundo os critérios da fé cristã, cujo espírito original a Reforma se propunha restabelecer”. (Ibidem, p. 41). O antigo professor de História Eclesiástica da Universidade de Yale, Roland H. Bainton (1894?), diz que “A Reforma foi acima de tudo um reavivamento da religião”. (Roland H. Bainton. *The Reformation of the Sixteenth Century*. Boston: Beacon Press. 1985 - edição ampliada), p. 31.

²³⁶ COSTA, Hermisten Maia P. da. A Reforma Protestante, em **O Pensamento de João Calvino**. São Paulo: Ed. Mackenzie. 2000, p. 14. Na verdade, a Reforma Protestante é resultado de uma série de eventos que antecederam tal movimento, dos quais falaremos neste capítulo. Cf. PEREIRA, Eduardo Carlos. **O Problema Religioso na América Latina**. São Paulo: Empresa Editora Brasileira. 1920, p. 16. Ver também LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. Rio de Janeiro / São Paulo: JUERP/ASTE. 1981, pp. 27,28.

Ao buscar o genuíno evangelho de Jesus Cristo, Calvino trazia de volta o tema da liberdade, tão desejada e essencial à vida humana. Na verdade, o que a Reforma fez foi interpretar – traduzir - o evento Cristo, sob a perspectiva da liberdade. Mas é em Calvino que a liberdade recebe uma conceituação ética.

Nosso propósito, neste capítulo, é lançar um olhar histórico-analítico sobre o período da Reforma Protestante do Século XVI, verificando seu pano de fundo, de forma bastante lacônica, especificamente suas bases e condições políticas, econômicas, culturais, sociais e religiosas, com seus principais pré-reformadores, seus lugares mais importantes como palco desse movimento que mudou os rumos da história ocidental, praticamente em todas as suas dimensões. Cremos que assim abriremos caminho para uma análise mais específica sobre os temas que pretendemos destacar em nossa pesquisa, a partir do reformador João Calvino, na perspectiva da liberdade cristã, no capítulo posterior.

2.1

As bases da Reforma Protestante do Século XVI

O século XVI pode ser considerado como o século maduro para a implementação do movimento conhecido como a Reforma Protestante. Maduro porque os séculos anteriores pavimentaram e fertilizaram os acontecimentos que estavam por acontecer nesse período da História. A Reforma foi um movimento fruto de uma grave crise espiritual que se abatia sobre a Igreja de então.²³⁷ O povo, de modo geral, não encontrava satisfação e realização em sua práxis religiosa. Reinava um vazio espiritual.

²³⁷ DOWNS, Robert B. **Fundamentos do Pensamento Moderno**. Rio Janeiro: Ed. Renes. 1969, p. 20. Cf. também Giacomo Martina. *História da Igreja. De Lutero a nossos dias. O período da Reforma*. São Paulo. Loyola. Vol I. 1997, pp. 51,52. O mesmo autor afirma que católicos e protestantes modernos procuram atenuar as crises espirituais e morais que se abatiam sobre a Igreja do século XVI. Cf. p. 53. L. Febvre, grande pesquisador francês, em estudo lançado em 1929, concordando com a tese supracitada dos católicos e protestantes, vai afirmar que, na verdade, o século XVI desejava livrar-se da superstição medieval e da aridez escolástica, buscando, portanto, uma nova experiência religiosa, livre de toda hipocrisia, que trouxesse a tão ansiada paz interior. A meu ver L. Febvre fala da mesma necessidade existente na Igreja daquele século, usando palavras diferentes. Cf. Giacomo Martina, op. cit., p. 54.

Por isso que, em primeiro lugar²³⁸, como já dissemos acima, a Reforma teve uma perspectiva essencialmente religiosa²³⁹, desejada por cristãos católicos piedosos²⁴⁰, o que significa um movimento interior, nascido dentro da própria Igreja em crise, com forte desejo de transformar a Igreja, e não, necessariamente, criar uma nova Igreja. Na verdade, se olharmos um pouco a história passada da Igreja verificaremos muita insatisfação, que se manifestava de muitas e variadas formas.²⁴¹ Podemos ainda afirmar que a Reforma foi uma das maiores revoluções religiosas do mundo moderno num tempo em que o mundo vivia dominado pela própria religião.

Sendo assim, o alcance da Reforma estendeu-se na cultura e na vida política e social da Europa como um todo e, certamente, no Ocidente. Dois católicos, Abbagnano e Visalberghi declaram que “contribuição fundamental à formação da mentalidade moderna foi a Reforma de Lutero e Calvino”.²⁴²

2.1.1 O pano de fundo do reformador João Calvino

Os pré-reformadores situavam-se dentro de uma cosmovisão ainda medieval. Viviam num mundo em profunda inquietação e, conseqüentemente, em transição. O final do período medieval foi uma fase de muita efervescência. Esta ebulição de idéias, fatos históricos, movimentos sociais, políticos, religiosos e econômicos constituiu o pano de fundo da transformação que a modernidade imprimiu no modo de vida. Duzentos anos foram suficientes para preparar o mundo para mudanças radicais que foram manifestadas mais claramente na modernidade.²⁴³

²³⁸ BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**, op. cit., pp. 47,48.

²³⁹ BIÉLER, André, op. cit. pp. 43,67. Cf. também em David S. Schaff. **Nossa Crença e a de Nossos Pais**. São Paulo: Imprensa Metodista. 1964, p. 66; Fernández-Armesto & Derek Wilson. **Reforma: o Cristianismo e o Mundo 1500-2000**. Rio de Janeiro: Ed. Record. 1997, p. 11.

²⁴⁰ LÉONARD, Émile G., op. cit., pp. 27-28. Cf. também Felipe Fernández-Armesto & Derek Wilson, op. cit., pp. 10-11.

²⁴¹ Uma das formas era um tipo de religiosidade repleta de misticismos, que ainda tem expressões em nossos dias, na prática cristã de modo geral. Por exemplo, Lutero recebeu grande influência de Agostinho (354-430), Mestre Eckhart (c. 1260 – 1327). Ver TILLICH, Paul em **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE. 2000, p. 188.

²⁴² ABBAGNANO, N. & VISALBERGHI, A. *História de la Pedagogía*. Novena reimpresión. México: Fondo de Cultura Económica. 1990, p. 253. Ver também: WARFIELD, B. B. *Calvino e o Calvinismo* (New York, 1931), p. 10.

²⁴³ GIDDENS, Anthony. **Sociología**. Madri: Alianza Editorial. 1992, p. 90.

Foram muitos os aspectos que contribuíram para as transformações religiosas, que estão abalizadas nas dimensões vivenciais que interferiram na cosmovisão da época. Podemos classificar, pelo menos, mais seis fatores que contribuíram nesse sentido, que se seguem aos já citados: a instabilidade política, o fim das cruzadas, o crescimento populacional, o declínio da agricultura e a peste bubônica.²⁴⁴

Toda a crise encontrou na fragilidade da Igreja Medieval combustível para a emergência de movimentos reformadores. A sólida política eclesiástica medieval, embasada no direito canônico, na importância da figura unificadora do Papa e na disseminação ideológica da Igreja dentro das diretrizes do colegiado, foi abalada por distúrbios de natureza interna. O chamado *cativeiro babilônico*, que foi a existência de um Papa na cidade de Avignon, foi o primeiro sinal mais claro do desgaste político-ideológico da Igreja Medieval. Mais tarde, o Grande Cisma, com a coexistência de dois Papas, um em Roma e outro em Avignon, ocasionando a descentralização do poder da Igreja, facilitou o surgimento de surtos reformadores e opositoristas, que eram do interesse das monarquias estabelecidas e dos burgueses detentores do capital outrora volátil devido à evasão de importantes divisas à Igreja de Roma.²⁴⁵

²⁴⁴ GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Sonhos Frustrados**. Vol. V. São Paulo: Vida Nova. 1986, p. 11. Gonzalez aponta três destes aspectos: instabilidade política, fim das cruzadas e decadência da agricultura. Sobre isto, afirma Vale: “A relação do eclesiástico com o poder secular tem o *status* de maior tema na história medieval européia, mas, durante um período da Idade Média, a secularização tem importância especial. O controle que o papado detinha sobre o poder secular passou a falhar. Em 1500, o poder secular exercia uma grande influência em toda a Igreja no Norte da Europa, processo que se iniciou desde 1200. Na Alemanha, influências dos príncipes e aristocratas foram importantes; na França, o poder da monarquia estava acima do eclesiástico e os privilégios dos clérigos foram cerceados [...]” (VALE, Malcolm, *The Civilization of Courts and Cities in the North*, In: HOLMES, George, *The Oxford History of Medieval Europe*, Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 276). Esta decadência do poder eclesiástico ocorreu concomitante à “[...] crise da Idade Média [...] consequência das devastações e pandemias, guerra, deterioração climática e depressão econômica [...]”. Ver: CANTOR, Norman F., *The Civilization of the Middle Ages*, New York: Harper Perennial, p. 529. Ver também: GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Sonhos Frustrados**. Vol. V, op. cit., 11. Ver também: AQUINO, Ruben. **História das Sociedades**. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico. 1978, pp. 420,421. Sobre a crise econômica que se abateu sobre a Europa, Cf. BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material e Capitalismo**. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1995, p. 62.

²⁴⁵ “Novo período de declínio e desmoralização do papado ocorreu no século XIV e início do século XV.” Primeiro, os papas residiram na cidade de Avinhão, ao sul da França, por mais de setenta anos (1305-1378), colocando-se sob a influência dos reis franceses. Esse período ficou conhecido como “o cativeiro babilônico da Igreja”. Em seguida, por outros quarenta anos (1378-1417), houve dois e finalmente três papas simultâneos (em Roma, Avinhão e Pisa), no que ficou conhecido como “o grande cisma”. MATOS, Alderi S., **O Papado: Origem e Evolução Histórica**. Disponível em <http://www.thirdmill.org/files/portuguese>. Acesso em 12 de maio de 2004.

Do ponto de vista do desenvolvimento teológico, este encontrou o seu auge na escolástica.²⁴⁶ E no desenvolvimento da escolástica, percebe-se o princípio da ruptura da unidade teológica medieval, marcada, preponderantemente, antes deste movimento, pela alegorização e repetição dos discursos dos Pais da Igreja, com poucas contribuições substanciais em comparação com outros períodos históricos.²⁴⁷

A teologia, exclusivamente neoplatônica e continuísta, cedeu espaço ao neoplatonismo e aristotelismo devido à contribuição bizantina.²⁴⁸ O pensamento de Aristóteles, apresentado sob as releituras de Averróis e Maimônides, foi utilizado pelos teólogos da Igreja, que se familiarizaram com o aristotelismo árabe-judeu, formando *a posteriori* seus próprios sistemas filosóficos.²⁴⁹ Dessa forma, a lógica e a física de Aristóteles finalmente deixaram sua condição de marginal e adentraram o contexto de fé cristã, auxiliando-a na demonstração da existência de Deus.²⁵⁰

Esta transformação teológico-ideológica, advinda da influência árabe à Europa cristã, interferiu na cosmovisão e no desenvolvimento do pensamento teológico ao modificar a cosmologia e a epistemologia.²⁵¹ A primeira se dividiu em uma física predominantemente aristotélica e uma metafísica neoplatônica. Já a epistemologia apresentou, como alicerce para o edifício teológico, um neoplatonismo com forte ênfase na experiência, por um lado, ou o aristotelismo observativo e construtivista, fundamentado na lógica, por outro lado.²⁵²

²⁴⁶ GOFF, Jacques Le. *Intelectuales en la Edad Media*. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1993, pp. 24-35.

²⁴⁷ VELASCO, Juan Martín, *Ser Cristiano en Una Cultura Posmoderna*, p.53.

²⁴⁸ SIEPIERSKI, P., Protestantismo e Pós-Modernidade. (In: MARASCHIN, Jaci, *Teologia Sob Limite*), p. 145.

²⁴⁹ HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**, op. cit., p. 190.

²⁵⁰ MARDONES, José Maria, op. cit., p. 70.

²⁵¹ LIBÂNIO, João Batista. **Desafios da Pós-Modernidade à Teologia Fundamental**, (In: TRASFERETTI, José & GONÇALVES, Paulo S. L. (org.), *Teologia na Pós-Modernidade*, op. cit., p.165.

²⁵² TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**, op. cit., p. 33.

A herança do neoplatonismo foi mantida, porém modificada no que diz respeito ao conteúdo original dos autores helenísticos. Continuava cumprindo muito bem seu papel de reafirmar os propósitos filosóficos da Igreja, mantendo o antigo conceito de compreensão das expressões Divinas, feitas exclusivamente através da fé. A tensão entre este antigo conceito basilar e a cosmologia e epistemologia aristotélica foi marcante em todo o período da Escolástica.²⁵³

O problema fundamental da filosofia medieval estava na relação entre o conhecimento e a fé, onde a fé detinha a supremacia sobre a razão. A segunda questão importante e decorrente desta estava na relação entre o universal e o particular. A expressão do aristotelismo e do neoplatonismo da escolástica se fez através da distinção, a partir deste, entre nominalistas e realistas.²⁵⁴

Portanto, realismo, realismo moderado e nominalismo são as três fortes correntes epistemológicas surgidas na escolástica. Ao discutir o fundamento epistemológico da teologia cristã, elas iam ao encontro do cerne de todo o edifício teológico, estabelecendo a base a partir da qual se construiria toda a teologia de então.²⁵⁵

O esplendor da escolástica se deu devido ao desenvolvimento da vida social, do crescimento das cidades, do comércio, do agravamento das contradições e tensões entre o poder secular e o papado e ao surgimento de heresias que se propagaram entre as massas, ocasionando insurreições. Acabou se desenvolvendo também devido à ampla esfera de publicações filosóficas e científicas e à divulgação das obras de Aristóteles. O principal escolástico foi Tomás de Aquino, (1225- 1274), italiano, pertencente à ordem dos dominicanos. Sua teoria tinha por objetivo rechaçar o averroísmo, reafirmando que a fé e a razão não são apenas distintas, mas também formam um todo necessário para se conhecer a Deus.²⁵⁶

²⁵³ Cf. GELDER, Craig van. *Postmodernism as an emerging worldview*. In: Calvin theological journal. N. 26, 1991.

²⁵⁴ DELISLE, L. *Traité Divers sur les Propriétés des Choses*, *Histoire Littéraire de France*, Paris, 1888, vol. 1, pp. 334-88.

²⁵⁵ COSTA, Wladimir. *El Continente Prodigioso: Mitos e Imaginario Medieval en la Conquista Americana*, Caracas: Universidade Central de Venezuela / Edição da Biblioteca Central, 1992. Cf. FREIDMAN, John B., *The Monstrous Races in Medieval Art and Thought*, Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1981. p. 37. Ver também: BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995. p. 129.

²⁵⁶ ESCOBAR, Valenzuela, G. *Ética. Introducción a su problemática y su historia*. 3ª. edición. McGraw-Hill. México. 1992, pp. 190-193.

Os resultados da reflexão baseada na razão e a mesma fundamentada na fé, chegam aos mesmos resultados.²⁵⁷ Utiliza o idealismo de Aristóteles, afirmando que a matéria não pode existir dissociada de sua forma, e que a forma pode existir separada da matéria. Ou seja: nada pode existir de forma independente daquilo que foi pré-determinado por Deus, um ser puramente espiritual.²⁵⁸

Tomás de Aquino foi partidário do realismo moderado, afirmando não ser possível uma correlação plena entre as idéias e a realidade. O geral, para Aquino, é produto do intelecto, porém existe por si mesmo na mente de Deus, e a mente é uma aptidão mais elevada que a vontade. É na mente que se situa o conhecimento.²⁵⁹

A importante transição para a releitura de Tomás de Aquino, que influenciou todo o período dos pré-reformadores, foi Duns Escoto (1265- 1308), pois afirmava ser Deus o objeto da teologia; e a filosofia consiste em ontologia pura e simplesmente. Por isto, o conhecimento de Deus mediante a filosofia só pode ser limitado e o ser humano não pode ter nenhum conhecimento das substâncias imateriais, como Deus e os anjos. Deus é a forma pura, e as demais coisas são materiais.²⁶⁰

A missão do conhecimento é conhecer a singularidade, pois esta é o que realmente existe.²⁶¹ O conhecimento do mundo começa com a experimentação. Todas as ciências têm por fonte de saber o singular, porém todas tratam também dos universais. A ciência, neste aspecto, serve para distinguir conceitos, e não coisas.²⁶² Portanto, Ockham é dualista, pois afirma que o experimento é fonte de saber e, por outro lado, diz que os símbolos são meios de conhecimento.²⁶³ A medida que a ciência se fortalecia, a escolástica cedia espaço para esta.

²⁵⁷ BALTASAR, Castro Cossío. **Ética Filosófica**. México: Ed. Diana, 1987, pp. 39-41

²⁵⁸ FRANKI, Víctor. *El Augustinismo Franciscano del Siglo XIII como Raiz de la Física Matematica Moderna*, Bolivar, n. 16, Bogotá, pp. 23-42.

²⁵⁹ FABRO, Cornelio, C.P.S. *Participation et Causalité selon S. Thomas d'Aquin*, Pub.Univ. de Louvain, 1961. p. 121.

²⁶⁰ GOMIDE, F. M. **Exemplos do Jugo de Aristóteles na Filosofia e na Ciência**, Reflexão (PUCCAMP), n. 64-65. 1996, pp. 154-185.

²⁶¹ CASSIRER, Ernst. *Filosofia de la Ilustración*. Cidade do México: Fondo de Cultura. 1943, p. 12.

²⁶² HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa: Ed. Dom Quixote. 1990, p. 111.

²⁶³ DI PASQUALE, Giovanni. **História da ciência e da tecnologia: da pré-história ao renascimento**. Lisboa: Edições ASA, 2002. p. 53.

Os pré-reformadores estavam embebecidos pelos pensamentos da escolástica, principalmente pela nova cosmovisão teológica de Aquino, gestada e concebida a partir de um duplo foco: da revelação e da reflexão autônoma, sob a síntese da fé cristã e do pensamento aristotélico.²⁶⁴ Este aspecto gerou um impasse teológico, no sentido de que a teologia estava fadada à morte, suprimida pela abrangência da teodicéia.²⁶⁵ Este impasse não foi bem resolvido com as formulações de Duns Escoto e Guilherme de Ockham e permanecia gerando problemas.²⁶⁶

Dentro desse espectro, os pré-reformadores seguiram, em grande parte, as tendências teológicas do seu tempo. O principal fator diferenciador está atrelado a uma volta a Agostinho, com transformações importantes na cosmovisão eclesiológica da época, chocando-se, assim, com as estruturas da Igreja neste período.²⁶⁷ Foi validada a contestação da Igreja a partir da construção de uma teologia fundada na racionalidade, e não mais nas inúmeras afirmações dos Pais da Igreja.²⁶⁸ A ruptura foi buscada a partir do dado epistemológico, não pelo dado fideístico.²⁶⁹

Uma influência decisiva no pensamento dos pré-reformadores foi a mística. Esta consiste na crença da capacidade do ser humano de levar a cabo a sua comunicação direta com Deus. E esta comunicação, contato ou experiência é situada acima dos dogmas e da teologia.²⁷⁰

O primeiro místico medieval que constituiu grande influência foi Bernardo de Clairvaux (1091- 1153), que ensinava que o êxtase místico se alcança mediante a cooperação entre o livre arbítrio e a graça de Deus.²⁷¹

²⁶⁴ LIBANIO, J. Batista. **Introdução à Teologia**, op. cit., p. 131. Cf. DREHER, M.. op. cit., p. 88.

²⁶⁵ BARTHES, R. “*L’ancienne rhétorique Aide-mémoire*”. En *Communication*, 16: 172-229.

²⁶⁶ FLORESCU, V. *La thétorique et la néothétorique. Gènese, Évolution, Perspectives*. Bucarest: Editura Academiei. 1982, p. 43.

²⁶⁷ VIVES, J. L. *De ratione dicendi*. En J. L. Vives, *Opera Omnia*. Edição de G. Mayans. Valencia: Monfort. VOL. II, pp. 1782-1785.

²⁶⁸ GARIN, E. *Medioevo y Renacimiento*. Madrid: Taurus. 1981, p. 28.

²⁶⁹ MURPHY James J. *La Retórica en la Edad Media. Historia de la teoría de la retórica desde San Agustín hasta el Renacimiento* (1974), México, FCE, p. 134.

²⁷⁰ ECO, Umberto. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 176.

²⁷¹ GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes. 1998, p. 45.

Em meio a esse turbilhão de mudanças, o misticismo religioso alemão nasceu fortalecido pela grande ênfase que a escolástica dava à razão, em detrimento da emoção, preenchendo a lacuna que não foi atendida pelo movimento pré-reformador.²⁷² Conseqüentemente, é a expressão dos nominalistas que se volta para o misticismo como forma de conhecer a Deus.²⁷³ Historicamente podemos identificar dois tipos de misticismo; o misticismo cristocêntrico, centrado na pessoa e na influência de Cristo entre os místicos, e o misticismo neoplatônico, de tendência mais filosófica e especulativa.²⁷⁴ O misticismo se desenvolveu principalmente na Alemanha, nas margens do Reno.

Nesse sentido, constatamos que a devoção moderna nasceu no meio da burguesia, entre os necessitados de expressividade espiritual, num período regido pela força do pensamento escolástico, que havia, de certa forma, deixado de lado o espaço para a piedade medieval. Com a escolástica perdendo sua força, a devoção moderna ganhou terreno.²⁷⁵ Estas três forças, a tensão entre o nominalismo e o realismo tomista e o misticismo, são fundamentais para compreender o surgimento e pensamento dos pré-reformadores.

2.2 Os Pré-reformadores

Os pré-reformadores são pensadores cristãos de transição. A necessidade de mudanças profundas na Igreja vinha sendo *anunciada*, já que a Igreja estava em situação de profundo desprestígio. Para o surgimento dos pré-reformadores, o cenário social, político, econômico e eclesiástico da época contribuiu para manifestações de insatisfação com a Igreja da época e, muitas vezes, com o apoio do Estado, para divulgar suas posições teológicas, com conseqüências diretas na vida eclesial e social.

²⁷² CAIRNS, E., op. cit., p. 202.

²⁷³ LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Gradiva. 1984, p. 27.

²⁷⁴ GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Sonhos Frustrados**, op. cit., p. 123.

²⁷⁵ DREHER, Martin. Vol. III. op. cit., p. 120.

Na verdade, o que aconteceu foi a união da piedade à práxis, ocasionando o exercício da crítica, filha da liberdade. Fruto direto dos místicos alemães e da nova devoção moderna, receberam como herança a busca pela piedade e a devoção. Já dos humanistas, herdaram a busca às origens na patrística, principalmente Santo Agostinho.

Assim, no século XV, em 1437, o rei Afonso V de Aragão chamava a atenção para o fato de que a Igreja provocava muitos escândalos, evidenciando assim, uma clara necessidade de se estabelecer mudanças.²⁷⁶ As críticas à Igreja Católica, que foram formuladas nos séculos XIV e XV, partiam de muitas direções, já que os abusos de parte do clero, somados à medievalidade das suas estruturas e pensamentos, clamavam por mudanças estruturais e espirituais.

A causa da Reforma é tão complexa, que a não-menção aos pré-reformadores torna impossível compreender satisfatoriamente o período. As necessidades religiosas do período exigiram dos movimentos respostas que foram sendo dadas através de rupturas mais ou menos impactantes ou profundas, conforme o contexto e o nível de apoio das classes burguesas emergentes. Nesta direção, não é apenas a decadência moral da Igreja Romana a causa da Reforma, mas também foi uma transformação profunda da sociedade, culminando na emergência de novos movimentos.²⁷⁷

A simultaneidade dos problemas que ocasionaram o ocaso da era medieval são responsáveis diretos para o crescimento da sensação de crise e insatisfação. O crescimento das cidades provocou a ascensão de classes que se viam limitadas pela influência massiva da Igreja em todos os negócios públicos e/ou privados. Crises sucessivas, já mencionadas, acabaram por abrir a possibilidade de transições e, neste contexto transitório, os pré-reformadores surgem como figuras contestatórias.

Porém, especificamente os movimentos apresentam diferenças significativas. Por isso, torna-se imprescindível um olhar histórico-analítico sobre alguns dos principais pré-reformadores, que contribuíram para a pavimentação da estrada pela qual a Reforma Protestante trilharia com seus caminhantes.

²⁷⁶ FREITAS, Gustavo. **900 textos e documentos de História**. Lisboa: Plátano, sd, vol. II, p. 156.

²⁷⁷ DELUMEAU, Jean. **Nascimento e Afirmação da Reforma**. São Paulo: Editora Pioneira, 1989, p 59.

2.2.1 John Wycliff e os Lolardos

É impossível falar de alguns pré-reformadores sem iniciar com John Wycliff. Ele nasceu em 1320, em North Riding of Yorkshire.²⁷⁸ Formou-se no Balliol College, de Oxford, e foi ordenado sacerdote em data desconhecida, sendo indício da sua ordenação sua atividade na Igreja de Westbury-on-Trim, além de pertencer à Cúria Romana, em 1361.²⁷⁹ Não apenas graduou-se na universidade de Oxford, mas também se tornou brilhante professor de Filosofia e Teologia nesta instituição. Tanto seu período na Igreja de Westbury-on-Trim, quanto em Lutterworth, são indícios da sua participação na simonia da qual usufruíam os grandes prelados, por obter vantagens econômicas através do serviço à Igreja.²⁸⁰

Quando retornou à Inglaterra, Wycliff passou a apresentar fortes críticas à Igreja. Na medida em que aprofundava seus estudos escriturísticos, suas críticas tornaram-se mais contundentes, sobretudo a partir do Grande Cisma de 1378. Em 1376, leu para seus alunos o tratado *Do Domínio Civil*, escrito por suas mãos. Sua repercussão foi tão grande, que os parlamentares ingleses se inspiraram nele para produzir os 140 artigos de uma lei para corrigir os abusos eclesiásticos. Neste e em outros tratados, Wycliff denunciava as incoerências da Igreja quando se envolvia na aquisição de bens temporais. Tais posturas de Wycliff, logicamente contrárias à Igreja, fizeram com que ele fosse convocado pelo bispo de Canterbury, a fim de que se apresentasse ao bispo de Londres, em 1377.²⁸¹ Ele foi acompanhado por Lord Percy e mais quatro doutores, que defenderam Wycliff antes mesmo de qualquer pronunciamento seu, o que provocou o final da reunião.

²⁷⁸ CERNI, Ricardo, op. cit., p. 19. Escolhemos este autor por fornecer uma biografia mais completa e exata. Outros autores, quanto ao ano, fornecem outras indicações, como Cairns, E. E., **O Cristianismo através dos séculos**, p. 204, aponta o ano de 1328; Dreher, M., **A Igreja no Mundo Medieval**, defende o ano de 1324. **A Enciclopédia Barsa**, p. 506, Vol. XVI, aponta o ano de 1330.

²⁷⁹ CERNI, Ricardo, op. cit., p. 19.

²⁸⁰ Simonia é alusivo à compra e venda de cargos eclesiásticos. O nome deriva de Simão, o mágico, personagem bíblico que pretendia comprar o dom de Deus (At 8:9-13). Ver GONZALEZ, Justo L., op. cit., pp. 55,85.

²⁸¹ GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Sonhos Frustrados**, op. cit., p. 83.

Em maio de 1377, Gregório XI condena 18 teses do livro *Do Domínio Civil*. Mesmo assim, Wycliff não foi preso, mas protegido. Alguns meses depois, quando consultado sobre a legalidade da proibição de emitir dinheiro para Roma, ele expressou sua posição favorável a tal decisão. Uma vez tomando posição em favor do governo do rei contra o papado, Wycliff afirmava, em outras palavras, que os bens temporais eram nocivos à Igreja e que, portanto, os príncipes tinham o direito de se apossar dos mesmos, quando os clérigos não os utilizam devidamente. Ou seja, o ideal seria que o Estado secularizasse todas as propriedades da Igreja e se encarregasse diretamente do sustento do clero.²⁸²

Wycliff reprovou duramente a eleição de Clemente VII, no lugar de Urbano VI, o que resultou no cisma do Ocidente, declarando que a Igreja poderia sobreviver sem a figura do Papa.²⁸³ Tais idéias encontravam eco na corte e entre os nobres. No entanto, os nobres perceberam, nas doutrinas de Wycliff, o princípio de que seus súditos tinham que ser atendidos em suas necessidades.²⁸⁴

No compasso crescente de suas novas idéias, Wycliff, em 1380, escreveu um ataque formal contra as doutrinas da eucaristia, inclusive a transubstanciação, tratado este chamado *Triologus*.²⁸⁵ Rejeitava a real presença de Cristo na eucaristia. Para ele, todo cristão só receberia espiritualmente o corpo e o sangue de Cristo.

²⁸² MOTA, Carlos Guilherme. **A Revolução Religiosa: Lutero e a Reforma em Lutero e a Reforma**. 480 anos depois das 95 teses, uma avaliação dos seus aspectos teológicos, filosóficos, políticos, sociais e econômicos. São Paulo: Ed. Mackenzie. 2000, pp. 41,42. Wycliff demonstrou muita força através de suas idéias, que buscavam não apenas uma reforma na Igreja, mas também que tais reformas alcançassem a vida social, política e econômica do povo. De certa forma, ele antecipou as críticas sociais e políticas que, mais tarde, foram feitas por Shakespeare, Morus e Hobbes (Cf. p. 41). Na verdade, muitos setores da sociedade, tais como os burgueses, camponeses, inclusive a chamada pequena nobreza, exigiam uma reforma eclesiástica, sobretudo, que a Igreja vendesse suas terras. Houve uma intensificação do sentimento anticlerical (Cf. p. 42).

²⁸³ CERNI, Ricardo. *Historia del Protestantismo*, op. cit., p. 22 e Enciclopédia Barsa, op. cit.

²⁸⁴ GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Sonhos Frustrados**, op. cit., p. 86. Os cristãos na Inglaterra sempre tenderam a se isolar do resto da Igreja, vivendo certo separatismo, talvez por sua posição geográfica singular, o que facilitava às idéias de Wycliff.

²⁸⁵ Wycliff abre, através da sua obra, uma discussão intensa sobre as doutrinas que substituiriam a concepção católico-romana de sacramento. As doutrinas que surgiram em decorrência a esta crítica foram contrapostas, por ser o sacramento uma questão teológica fundamental. Isto motivou crises entre os Reformadores. Um exemplo foram as diferenças entre Zwinglio e Lutero a respeito do sacramento da Santa Ceia, que se mostraram insuperáveis no decorrer da segunda metade da década de 1520. Ver: LIENHARD, M. **Martim Lutero: tempo, vida, mensagem**. São Leopoldo: Sinodal, 1998. Original em francês, pp. 183-189.

Na verdade, ele afirmava ser impossível que os elementos tenham deixado de ser pão e vinho. Esta questão era analisada por ele segundo o conceito da encarnação: da mesma forma que a negação da encarnação de Deus constitui a heresia do docetismo, a doutrina da transubstanciação negava a presença espiritual de Cristo nos elementos. Portanto, da mesma forma que na encarnação a alma encontra o corpo, Cristo está presente de forma espiritual nos elementos sacramentais, segundo Wycliff.²⁸⁶

As Escrituras deveriam ser a única norma de fé. Elaborou também uma tradução das Escrituras para o inglês, diretamente da Vulgata, colocando a Bíblia ao alcance do povo. Mandava sacerdotes pobres e leigos de dois em dois para anunciar as Boas Novas. A Igreja de então passou a chamá-los de *lolardos*.²⁸⁷ Defendia que a *predicatio verbi* (pregação da Palavra) era de fundamental importância e que podia ser realizada não apenas pelos clérigos, mas também pelos leigos, desde que fossem membros da Igreja invisível, podendo ser esta pregação realizada na língua nacional.²⁸⁸

Santo Agostinho e Tomás de Aquino influenciaram bastante o pensamento de Wycliff, que formula, a partir destes, suas doutrinas sobre a revelação e a Igreja. Quanto à relação entre razão e revelação, concebe o pensamento de que “*ambas – revelação e razão - levam a mesma verdade universal*”.²⁸⁹ A partir do pensamento de Agostinho, Wycliff adotou a doutrina da predestinação, sendo a Igreja o espaço dos predestinados. Ainda no lastro de Agostinho, classificou a Igreja entre a comunidade visível, formada de todos os que a ela aderem por meio do batismo e da comunidade invisível, formada por todos aqueles salvos, que só Deus os conhecia. Com isso, a Igreja Visível fica marcada pela percepção clara de que nem todos que dela fazem parte são verdadeiramente salvos.

²⁸⁶ GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Sonhos Frustrados**, op. cit., p. 366.

²⁸⁷ BOSTICK, Curtis V. *The Antichrist and the Lollards*. Leiden: Brill, 1998. p. 23. Como resultado do corpo de doutrinas de Wycliff, como já mencionamos acima, surgiu o grupo chamado *Lolardo*. Eram, inicialmente, discípulos de Wycliff, pessoas do círculo acadêmico e de posição social elevada. A origem do termo lolardo se origina da língua holandesa e significa *murmuradores* ou *lollium*, joio. Eles disseminavam seus pensamentos entre o povo, recebendo maior aceitação das classes mais pobres. Tornaram-se pregadores leigos, anunciando e apontando os desvios da Igreja, bem como do clero, incluindo desvios de ordem moral, o culto às imagens e a doutrina da transubstanciação. Cf. Bostick, Curtis V. *The Antichrist and the Lollards*. Leiden: Brill, 1998. p. 123.

²⁸⁸ TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Ed. ASTE, 2000, p. 191.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 363.

Segundo Tillich, esta doutrina constituía uma grave denúncia à Igreja Romana, pois que questionava, de forma direta, os membros do clero através daquilo que representavam e aquilo que viviam, sendo, portanto, desconsiderada a autoridade destes quando demonstram que não estão a serviço dos interesses do Reino de Deus, porque, na verdade, dEle não faziam parte.²⁹⁰

Nas palavras de Jean-Jacques Chevalier, quando Wycliff abordava as doutrinas sobre o *senhorio*, elas “ressuscitam em favor do rei as doutrinas de Gregório Magno”.²⁹¹ Tal afirmação se prende ao fato de que, assim como Gregório, Wycliff ensina que o rei é *vigário* de Deus e, portanto, representante da realeza de Cristo. A Igreja deve ser independente do governo secular e, por sua vez, o governo também deve ser independente da Igreja. Ou seja, o papel do governo secular é servir a sociedade, buscando seu bem estar, pois foi instituído por Deus para tal propósito. Sendo assim, uma vez que o Estado não exerce sua função, não deve ser considerado legítimo.²⁹²

João Wycliff foi um dos exemplos de pensadores que, mesmo em face da predominância da visão do quádruplo sentido da Escritura (histórico, alegórico, tropológico e anagógico),²⁹³ defendeu e usou aquilo que poderia ser descrito como uma hermenêutica histórico-gramatical incipiente.

²⁹⁰ TILLICH, Paul, op. cit., p. 189.

²⁹¹ CHEVALIER, Jean-Jacques. **História do Pensamento Político**, Tomo I, p. 251.

²⁹² GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Sonhos Frustrados**, op. cit., p. 364.

²⁹³ Sob influência de João Cassiano (360-435) que ensinou em uma célebre quadra: “*Littera gesta docet, Quid credas allegoria, Moralis quid agas, Quo tendas anagogia.*” Que poderia ser traduzido como: “A letra nos mostra o que aconteceu; a alegoria, no que devemos crer; a moral (sentido tropológico), como devemos viver; a anagogia, para onde estamos indo.”

2.2.2 John Huss e os Hussitas

John Huss foi adepto dos pensamentos de Wycliff. O tcheco nasceu, em 1373, em Hussinek, uma pequena aldeia da Boêmia.²⁹⁴ Logo cedo, aos dezesseis anos, ingressou na Universidade de Praga, alcançando grande notoriedade. Tornou-se professor, em 1398, sendo também ordenado e logo assumindo o posto de pregador da Capela dos Santos Inocentes de Belém, em Praga.²⁹⁵ Ele ministrava os cultos em língua boêmia e introduziu reformas litúrgicas conforme sua teologia.²⁹⁶

Neste tempo, pregava contra os abusos da Igreja, sem apresentar variação na ortodoxia comumente aceita. Mas afirmava “que os fiéis deveriam ser considerados iguais nas atividades religiosas, contra os dogmas da Igreja”.²⁹⁷ Não podemos deixar de afirmar que o solo da Boêmia estava preparado para a fermentação de suas idéias, pois, além de vestígios de antigos pensamentos religiosos (cátaros, valdenses), a decadência moral e a ignorância do povo eram notáveis.

Mesmo com um corpo de doutrinas um tanto quanto equidistante da Igreja, seu posicionamento alcançou os círculos acadêmicos em contundentes e acirradas disputas. Por meio de Jerônimo de Praga, um de seus discípulos, teve acesso às obras de Wycliff, que influenciaram grandemente seu pensamento, embora com posicionamento diferente de Wycliff quanto ao sacramento eucarístico. Ao defender algumas teses de Wycliff, Huss foi excomungado, mas não parou de pregar.²⁹⁸ Roma o convocou a fim de que desse explicações acerca de seus pensamentos. Não comparecendo, foi novamente excomungado, dessa vez pelo cardeal Collona, em 1411, em nome do Papa.

²⁹⁴ A maioria dos autores consultados concorda com este ano. Apenas Justo Gonzalez apresenta uma data indefinida. Martin Dreher defende o ano de 1369 e P. Kubricht defende o ano de 1372. Veja: CERNI, R., op. cit., p. 24; DERHER, Martin. Vol. III. op. cit., p. 119; GONZALEZ, Justo., op. cit., p. 95; KUBRICHT, P., **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, p. 280.

²⁹⁵ GONZALEZ, Justo L. *Historia del Pensamiento Cristiano*, p. 367.

²⁹⁶ Doutrinas estas influenciadas por Wycliff, e aplicadas na Reforma da Igreja Boêmia e postas a serviço da dissolução da dependência ou dominação dos alemães na Boêmia. Ver: CANTOR, Norman F., *The Civilization of the Middle Ages*, New York: Harper Perennial, p. 500. Ver também: GONZALEZ, Justo L.. op. cit., p. 368.

²⁹⁷ MOTA, Carlos Guilherme., op. cit., p. 42.

²⁹⁸ CERNI, Ricardo. op. cit., p. 26.

O sucessor de Alexandre V foi João XXIII, como papa pisano, que publicou uma bula fornecendo indulgências para quem lutasse contra Ladislau de Nápoles, protetor de Gregório XII. Huss se posicionou contra a Bula, o que gerou grandes conflitos em Praga. O rei, que apoiava o Papa pisano, proibiu as críticas à venda de indulgências, sendo, posteriormente, esta ordem revogada devido a um acordo entre o papa e Sigismundo, sucessor de Venceslau.²⁹⁹ Pela terceira vez, Huss foi excomungado, agora em 1412, pois não obedecera à nova ordem do Papa de se apresentar em Roma. Houve, então, um interdito a qualquer cidade que porventura viesse a acolher Huss. Diante de tal decreto, Huss fuge para o interior da Boêmia, mas não desiste de pregar.³⁰⁰ O pregador retirou-se, então, para o castelo de um nobre seu amigo, para onde o povo se pôs a peregrinar em massa. O hussismo, em pouco tempo, alcançou influxo predominante na Boêmia. A apostasia de quase um povo inteiro abalou o sentimento cristão ocidental.

O imperador Sigismundo, da Alemanha, irmão do rei Venceslau, da Boêmia, convidou Huss a comparecer no Concílio de Constança e, de fato, ele se apresentou, com um salvo-conduto, em novembro de 1414. Huss, porém, só encontrou adversidade e rejeição. O Concílio e as autoridades trataram-no como herege, prendendo-o. Sigismundo inicialmente protestou, mas, posteriormente, revogou sua decisão por não querer ser identificado como um herege.³⁰¹ Só restava uma opção para Huss, retratar-se diante do Concílio. Considerado herege por permanecer irreductível, sua morte foi decretada, em 6 de julho de 1415.³⁰²

Suas maiores contribuições, no campo teológico, foram os seus posicionamentos apresentados em suas pregações. Huss defendia uma fé cristocêntrica, enfatizava a responsabilidade individual, acreditava no perdão de pecados somente através de Jesus Cristo, aguardava um juízo escatológico, era contrário à veneração do Papa e deu importantes contribuições litúrgicas, inserindo, na capela de Belém, uma liturgia de cunho nacional.

²⁹⁹ LÁSZLÓ, Barta, “A *spanyolországi hungarica-kutatás története* (Historiografia de investigações de temas húngaros na Espanha)”. *Levéltári Szemle* (Cadernos Arquivados). 1989. Nº2; ANDERLE, Adam, A fekete legenda “Magyarországon”. (A Lenda Negra na Hungria). *Világtörténet*. Budapest, 1985. Nº 3, pp. 4-16; do mesmo autor: *En contacto. Historia de las relaciones húngaro-españolas*. Sevilla: Ed. Hungexpo, 1992, p. 28.

³⁰⁰ GONZALEZ, Justo L, op. cit., p. 99.

³⁰¹ GONZALEZ, Justo L. *A Era dos Sonhos Frustrados*, op. cit., p. 100.

³⁰² CERNI, Ricardo. *Historia del Protestantismo*, op. cit., p. 27 e KUBRICHT, P., op. cit., p. 281. Cf. MOTA, Carlos Guilherme. *A Revolução Religiosa: Lutero e a Reforma*, op. cit., 42.

A execução de Huss foi recebida, na Boêmia, como uma ofensa à nação. A reação hussista-nacionalista foi violenta e os sacerdotes não hussistas foram, em grande número, expulsos. A rainha Sofia e as damas nobres tomaram aberto partido por Huss como herói e mártir nacional. Quase toda a nobreza da Boêmia e da Morávia enviaram um protesto para Constança, afirmando que Huss fora virtuoso e ortodoxo e que os boatos de uma *heresia boêmia* eram invenção do inferno. Ao mesmo tempo, formou-se uma Liga em defesa da liberdade de pregação, para a proteção contra a autoridade episcopal e a excomunhão injusta. Introduziu-se a praxe do *cálice dos leigos* (comunhão sob as duas espécies)³⁰³ como símbolo da facção hussista.³⁰⁴ Esta dominou a Boêmia quase totalmente durante vários anos. Em 1419, o rei Venceslau restabeleceu os sacerdotes expulsos, o que provocou violenta revolução, na qual foram assassinados sete conselheiros reais, vindo o rei Venceslau a morrer do coração em consequência deste golpe.³⁰⁵

2.2.3 Jerônimo Savonarola

Jerônimo Savonarola viveu no século XV, mas esteve à frente de seu tempo. Nasceu em 1452, em Ferrara.³⁰⁶ Recebeu educação rígida pelo avô. Segundo Ricardo Cerni, Savonarola ouviu um sermão, em 1474, em Faenza, que o impactou tremendamente, mudando definitivamente a direção de sua história. Em seguida, entrou para o convento de São Domingo, onde recebeu sua formação religiosa.

³⁰³ KÜNG, Hans, **Veracidade**: o futuro da Igreja, p. 100.

³⁰⁴ Alguns destes, não concordando com possíveis acordos, fundaram a *Unitas Fratrum*, que chegou a ser muito numerosa na Boêmia e Morávia. Com o advento da Reforma Luterana, eles estabeleceram relações com os protestantes. Os austríacos passaram a perseguí-los e a organização foi praticamente destruída, sendo João Amós Comênio um representante do remanescente, que ainda lutava pela instauração da ordem, o que ocorreu com o remanescente da ordem, os chamados “morávios”. Cf. RAMPAZO, L. **Antropologia, religiões e valores cristãos**, p. 114.

³⁰⁵ É importante afirmar que o movimento reformador dos Hussitas nasceu devido à confluência de várias condições. A primeira foi a crise econômica e política durante o reinado de Venceslau IV (1378-1419), que sucedeu a Carlos IV. Esta crise foi exacerbada pelos problemas registrados na Europa desse tempo (Grande Cisma, críticas à Igreja).

³⁰⁶ GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Sonhos Frustrados**, op. cit., p. 157.

Sua erudição bíblica era incomparável no seu tempo, assim como sua tremenda capacidade oratória. Enfrentou duramente a autoridade papal, desafiando a Igreja a uma reforma espiritual e, conseqüentemente, moral. Sua proeminência não se deu pela proximidade teológica com Wycliff e Huss, nem por algum legado, transmitido através de um movimento que fosse importante para a Reforma Protestante, que viria um século depois.³⁰⁷

Dada sua extraordinária capacidade intelectual, foi mandado a Florença, porém, seus sermões não agradaram tanto os florentinos. Foi, então, para Bologna, obtendo a função de mestre de estudos. Um humanista, chamado Pico de la Mirandola, admirador de Savonarola, o indicou para Lourenço de Médicis. Ali começou a expor as Escrituras no Convento de São Marcos, e suas conferências começaram a atrair multidões. Em 1491, foi convidado para pregar em Santa Maria das Flores, mas sua pregação não agradou os principais da cidade, uma vez que sua mensagem possuía uma forte ênfase profética, denunciando, peremptoriamente, o abuso dos impostos e a grande corrupção da cidade. Savonarola fez da vida, no convento, um "*exemplo de santidade e serviço*".³⁰⁸

Os excessos morais e hábitos pagãos foram totalmente eliminados. Livros, jóias, perucas e luxos foram queimados na cidade, com a intenção de eliminar a vaidade. Savonarola estava em seu apogeu em Florença, porém a situação era instável, uma vez que a economia da cidade enfrentava graves problemas. Entretanto, as mãos habilidosas de Savonarola sustentavam a situação provisoriamente.

Negando submissão à *Santa Aliança*, Savonarola foi excomungado pelo papa e proibido de pregar. Savonarola declarou inválida a excomunhão, mas parou, momentaneamente, de pregar. Após seu retorno, usou, além de sua voz, a imprensa para discursar contra a imoralidade da Igreja. Alexandre VI tentou convencê-lo, oferecendo-lhe o cargo de cardeal, que foi recusado. Savonarola começou, então, a perder prestígio em Florença.

³⁰⁷ CAIRNS, E. *O Cristianismo Através dos Séculos*, op. cit., p. 207.

³⁰⁸ GONZALEZ, Justo L. *A Era dos Sonhos Frustrados*, op. cit., p. 159.

Portanto, como vimos, a grande influência dos pré-reformadores incentivou o nascimento de vários grupos que continuaram a desenvolver suas idéias reformistas. Entre esses grupos, destacamos os lolardos, que foram decisivos na Reforma Inglesa. Já na Reforma Alemã, temos os Morávios, surgidos dentre os Irmãos Unidos,³⁰⁹ que tiveram também importância fundamental. Como dissemos acima, a estrada estava pavimentada para a deflagração da Reforma Protestante do Século XVI.

2.3

A Reforma Protestante

A história narra que a Igreja ocidental dos séculos XV e XVI estava demasiadamente cansada das demandas da Idade Média, como se já não conseguisse mais responder aos seus novos interlocutores.³¹⁰ Havia uma clara e evidente necessidade de se promover uma reforma na Igreja e na sociedade, em suas mais variadas áreas. O historiador Alister McGrath diz o seguinte:

A Igreja ocidental parecia estar exaurida pelas demandas da Idade Média, que tinha visto o poder político da Igreja e, especialmente, do papado, alcançar níveis jamais conhecidos anteriormente. As engrenagens administrativa, legal, financeira e diplomática da Igreja estavam bem lubrificadas e trabalhando com eficiência. Certamente, é verdade que os papas da Renascença exerceram sua autoridade durante um período de decadência moral, de conspiração financeira e de poder político tremendamente mal-sucedido, que severamente desafiava a credibilidade da Igreja como guia moral e espiritual. Ainda assim, como instituição, a Igreja na Europa ocidental dava claros sinais de solidez e permanência. Entretanto, havia os sinais de exaustão, de decadência.³¹¹

³⁰⁹ *The Church Order of the Unitas Fratrum, I.I.*

³¹⁰ WALLACE, Ronald. **Calvino, Genebra e a Reforma**. Um estudo sobre Calvino como um Reformador Social, Clérigo, Pastor e Teólogo. São Paulo: Cultura Cristã. 2003, p. 97.

³¹¹ MCGRATH, Alister. **A Vida de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã. 2004, p. 19.

Sem dúvida alguma que uma das mais graves crises, no período que antecedeu a Reforma, foi de cunho eminentemente religioso. Havia um vazio espiritual sem precedentes na história do cristianismo. A Igreja não estava atendendo às demandas espirituais do povo. As conseqüências eram desastrosas na vida das pessoas. Pairava, no coração do povo, uma total insegurança quanto à salvação. A fé, ensinada pela Igreja, não supria tal carência.

O teólogo Paul Tillich (1886-1965) faz o seguinte comentário, analisando tal período:

Sob tais condições, jamais alguém poderia saber se seria salvo, pois jamais se pode fazer o suficiente; ninguém podia receber doses suficientes do tipo mágico da graça, nem realizar número suficiente de méritos e de obras de ascese. Como resultado desse estado de coisas, havia muita ansiedade no final da Idade Média.³¹²

Na verdade, era como se a Igreja houvesse perdido seu senso de direção, envolvendo-se cada vez mais em questões meramente seculares, através da sedução do poder, prazeres e riquezas materiais, expressando, assim, certo nível de *entupimento* em suas artérias eclesiásticas.³¹³ Sua prática não era mais tão verossímil quanto seu discurso.

Portanto, a Reforma Protestante carregava em si o embrião das grandes transformações, não apenas religiosas, mas culturais, sociais, políticas, econômicas etc. O teólogo Hermisten diz que “era impossível alguém abraçar a Reforma apenas no campo da religião e continuar, em tudo o mais, a ser um homem de uma ética medieval, com a sua perspectiva da realidade e prática intocáveis. A Reforma, em sua própria constituição, era extremamente revolucionária”.³¹⁴

³¹² TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE. 1988, p. 210. O holandês Huizinga afirma que, no apagar da Idade Média, existia um tremendo espírito de melancolia no coração do povo. Cf. Johan Huizinga. **O Declínio da Idade Média**. São Paulo: Verbo/EDUSP. 1978, p. 31. Cf. André Biéler. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1990, pp. 43,67; Ver André Biéler. **A Força Oculta dos Protestantes**. São Paulo: Ed. Cultura Cristã. 1999, pp. 49-51; David Schaff. **Nossa Crença e a de Nossos Pais**. São Paulo: 2ª edição. Imprensa Metodista. 1964, p. 66; Ver Felipe Fernández-Armesto & Derek Wilson. **Reforma: O Cristianismo e o Mundo 1500-2000**. Rio de Janeiro: Ed. Record. 1997, p. 11.

³¹³ MCGRATH, Alister, op. cit., p. 20.

³¹⁴ COSTA, Hermisten Maia Pereira, op. cit., p. 77. Timothy George afirma que “a Reforma ocupou, e deve continuar a ocupar, um legítimo e significativo lugar na história das idéias”. GEORGE, Timothy. **A Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Ed. Vida Nova. 1994, p. 50.

Há dois grandes pensadores católicos que corroboram com tal pensamento, quando declaram que a “contribuição fundamental à formação da mentalidade moderna foi a reforma religiosa de Lutero e Calvino”.³¹⁵

A Europa do século XVI era bem diferente dos nossos dias. Por exemplo, “as fronteiras nacionais eram vagas e foram definidas por limites mais tangíveis e relevantes de língua, cultura e classe”.³¹⁶ A Europa ocidental³¹⁷ foi tremendamente abalada pela ação da Reforma, especialmente na França, a partir, sobretudo, de Calvino, tendo Genebra como celeiro irradiador da nova cosmovisão da Igreja, que alcançou quase todas as dimensões da sociedade de então e que, até hoje, tem forte influência em todo mundo. Na verdade, Genebra “tornou-se símbolo de subversão política e religiosa”.³¹⁸

2.4

Calvino: sua Vida e Obra

Nosso foco de interesse está em conhecer aquele que foi um dos maiores reformadores do Século XVI, João Calvino³¹⁹, homem de traços fortes, acometido de muitas enfermidades, de um raro vigor intelectual, que, embora tentasse buscar uma vida mais tranqüila, esteve, pela força da providência divina, sempre no centro das grandes questões do seu tempo, de seu país e, particularmente, Genebra, cidade do coração e palco da práxis de seu conhecimento, especialmente sua teologia, tornando-a referência social, política, econômica e religiosa.

³¹⁵ ABBAGNANO, N. & VISALBERGHI, A. *História de la Pedagogía. Novena reimpressão*. México: Fondo de Cultura Económica. 1990, p. 253.

³¹⁶ MCGRATH, Alister, op. cit., p. 18.

³¹⁷ COSTA, Hermisten Maia P., op. cit., p. 15.

³¹⁸ MCGRATH, Alister, op. cit., p. 18.

³¹⁹ FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*. São Paulo: LPC. 1985, p. 36.

Diante disso, faz-se necessário contemplar sua história e seu tempo, suas obras, a partir de seus primeiros biógrafos e de outros mais recentes, ainda que brevemente, seu corpo teológico nas áreas da antropologia, cristologia, soteriologia, ressaltando seus resultados na vida humana, imagem e semelhança de Deus, tornando-o livre para viver a verdadeira liberdade do Evangelho de Jesus Cristo, com todas as suas implicações ético-sociais, bem como sua eclesiologia, geradora e formadora de uma comunidade capaz de exercitar o acolhimento, a solidariedade, a alteridade, a justiça, numa verdadeira práxis libertadora, com fortes conseqüências na vida social, cultural, política e religiosa do seu tempo.

E ainda mais, com fortes influências para nossos dias, desde que saibamos ler Calvino à luz do seu tempo, retirando a moldura na qual estava inserido e, como desafio ético-teológico, atualizar sua teologia nas áreas referidas, a fim de que sua contribuição passada sirva-nos para vivermos a verdadeira liberdade do Evangelho de Jesus Cristo, de igual forma, com seus desafios ético-sociais. Em outras palavras, o que queremos dizer é que Calvino ainda pode e deve ser ouvido.³²⁰

Sobre a pessoa de João Calvino, sabe-se mais do que sobre Ulrico Zwínglio.³²¹ Isto é compreensível, já que Calvino teve muito mais impacto, na história, e suas influências foram mais duradouras e se estenderam para lugares que Zwínglio não influenciou decisivamente.³²²

³²⁰ SILVESTRE, Armando Araújo. **Calvino e a Resistência ao Estado**. São Paulo: Ed. Mackenzie. 2003, p. 19.

³²¹ Cf. Boni (Org.), pp. 229-275 (obras de Calvino); cf. Também Nijenhuis, 1981, Bouwsma, 1989 e Lessa, s.d. Ulrich Zwínglio é o verdadeiro introdutor da Reforma, na Suíça, fazendo-a de forma paralela a Lutero, nos cantões suíços. É um reformador em conflito com Lutero, por causa da sua doutrina sacramental. Cf. KAHLER, W., *Zwíngli und Luther. Ihr Streit um das Abendmahl*, 2 vols., Leipzig 1924 e Gütersloh 1953.

³²² “A influência do calvinismo por mais de um século, depois da morte do reformador de Genebra, foi a força mais poderosa da Europa no desenvolvimento da liberdade civil. O que o mundo moderno deve ao Calvinismo é quase incalculável”, citado por Hyma, *The Life of John Calvin*, pp. 96, 97. “As diferenças entre Zwínglio e Lutero a respeito do sacramento da Santa Ceia mostraram-se insuperáveis no decorrer da segunda metade da década de 1520, o que restringiu sua influência.” Ver: HULDRICH, Peter Johann, Huldrych Zwínglio (1484 - 1531), o reformador de Zurique – um esboço biográfico, *Acta Scientiarum*, Maringá, 23 (1): pp. 141-147, 2001. Mas há vínculos entre o calvinismo e o zwinglianismo. Enquanto Zwíngli estabeleceu os primeiros fundamentos religiosos, seu trabalho foi continuado e aperfeiçoado pelo seu sucessor, em Zurique, Henrique Bullinger (1504 - 1575), e por João Calvino, em Genebra, os quais uniram os dois caminhos religiosos de Zurique e Genebra à salvação, ou seja, o *Zwínglianismo* e o *Calvinismo*, e estabeleceram a base comum da confissão calvinista na Suíça: a *Confessio Helvetica (prior)*, de 1536, o *Consensus Tigurinus*, de 1549 e, afinal, a *Confessio Helvetica (posterior)*, de 1566. Cf. Locher, p. J 91-94. LOCHER, G.; ZWINGLI, W. *Und die schweizerische Reformation* (e a Reforma na Suíça) ihrer Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982. (Die Kirche in ihrer Geschichte, v.3).

Ao mesmo tempo, o que ocorre é que geralmente se encontram conotações negativas de Calvino.³²³ Ele chega a ser chamado de *Déspota de Genebra*, pois havia sido demasiado rigoroso, a ponto de estar disposto a sacrificar todos os que não concordavam com seu pensamento, como aconteceu com Miguel Servetus. A doutrina da dupla-predestinação, segundo a qual Deus elegeu uns para a salvação e outros para o inferno, também soa estranha aos ouvidos modernos.³²⁴ Em 1936, em pleno auge do regime nazista, o literato Stefan Zweig escreveu um ensaio com este título: “Uma Consciência Contra a Violência: Castellion contra Calvino”.³²⁵ Com habilidades literárias, o que Zweig dizia contra Calvino se aplicava indiretamente a Hitler. Isto também contribuiu, nas últimas décadas, para depreciar a imagem de Calvino entre os acadêmicos.

Seguramente, algumas características de Calvino sempre serão estranhas ao homem moderno. Calvino foi um asceta que dedicou sua vida à Reforma, procedendo, muitas vezes, de maneira restrita. Porém é preciso entender que a imagem distorcida de Calvino se deve, também, às grandes lutas confessionais que duraram até o século XX.³²⁶ Sobretudo no século XVII, que foi marcado por conflitos e lutas interconfessionais, justamente entre os cristãos luteranos e reformados: ambos os grupos difamavam, imputavam e, freqüentemente, apresentavam seus assuntos de forma ríspida e animosa. De todas as partes, ocorreram exageros, inclusive por parte dos reformados. Neste contexto, cristalizou-se em toda a Alemanha, – devido a muitas publicações da corrente mais influente, que era a luterana – a imagem de Calvino, que dominou durante séculos.

³²³ “Para muitos, Calvino aparecia como a personificação de tudo o que era antiliberal, antiartístico e anti-humano”. *Doumergue, Kunst en Genoel in het Werk van Calvijn, 3 conferências. Wageningen*, 1904, p. 9.

³²⁴ Calvino, em sua definição de predestinação, diz que é “o eterno decreto de Deus, por meio do qual determinou o que quer fazer de cada um dos homens. Porque Ele não criou todos com a mesma condição, mas que ordena uns para a vida eterna, e a outros para a condenação perpétua” (Institución III. 21.5, pp. 728-729).

³²⁵ Cf. ZWEIG, Stefn. *Castélio Contra Calvino*. Lisboa: Civilização Editora, 1977.

³²⁶ BOUWSMA, W. J. *John Calvin: a sixteenth-century portrait*. Oxford: (s.n.), 1989. p. 65.

2.4.1

João Calvino: sua Infância e seus Anos de Estudos (1509-1535)

João Calvino nasceu, em 10 de julho de 1509, em Noyon, no norte da França (a uns 100 quilômetros de Paris),³²⁷ e recebeu o nome de “Jean Cauvin”.³²⁸ Era filho de Gerard Cauvin e Jeanne de La Franc,³²⁹ casal distinto e ilustre, bem relacionado religiosa, social e politicamente. A família era de origem normanda. Seu pai era secretário do bispo na catedral da cidade, sendo um leigo que trabalhava entre os clérigos, ocupando um cargo elevado entre eles.³³⁰

Van Halsema faz o seguinte comentário sobre a infância de Calvino:

Durante quatorze anos, o menino João morou em Noyon, na província francesa de Picardy. A cidade era antiga naquela época. Era sede do bispado. Noyon estava sobrecarregada de padres, monges, cônegos, capelães e de toda espécie de empregados eclesiásticos. A catedral era o centro da vida cidadina. Foi nesse pequeno mundo amuralhado, de santuários e relíquias, de procissões e festas, de círios, sinos e imagens, que cresceu Calvino.³³¹

Por volta da idade de 12 anos, João Calvino recebeu as primeiras *prebendas*, ou seja, uma parte dos seus ganhos por trabalhar numa das paróquias da cidade (a paróquia de Gésine).³³²

³²⁷ A Noyon das primeiras décadas do século XVI era repleta de Igrejas e conventos, uma cidade episcopal, onde a sociedade respirava o sagrado. Não é por acaso que levava esse nome, Noyon, a “santa”. LESSA, Vicente Temudo. **Calvino (1509-1564), sua vida e sua obra**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. pp. 19,24.

³²⁸ Há uma infinidade de biógrafos sobre Calvino. Queremos citar algumas obras de alguns: Seu sucessor: Théodore Bèze, *l'histoire de la vie et mort de Calvin*. Genève: (s.n.), 1565; *Life of John Calvin*, In: Tracts and tratises of John Calvin. Michigan: Eerdmans, 1958; *Du droit des magistrats*. Genève: R. M. Kingdon, 1970; *Correspondence de Théodore de Bèze*, In: AUBERT, Hyppolyte; DUFOUR, Alain; NICOLLE, Béatrice. Genève: Droz, v.20, n. 318, 1998. COTTRET, Bernard. *Calvin biographie*. Paris: Jean-Claude Lattès, 1995; *Traducteurs et Divulgateurs Clandestins de la Réforme dans l'Angleterre Henrienne, 1520-1535*. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Bris, n. 28, p. 472, 1981.

³²⁹ Sua mãe distinguiu-se por uma profunda piedade, tendo uma influência marcante sobre Calvino, quando Calvino ainda era muito pequeno, com cerca de seis anos. Ver: GEORGE, Timothy. *Theology of the Reformers*. Nashville: Bradman. 1988, p. 168.

³³⁰ O pai de Calvino secretariava o bispo Charles de Hangest (1501-1525), mas também exercia a função de procurador-fiscal do condado bispo. Ver LESSA, Vicente Temudo, op. cit., pp. 19,25.

³³¹ VAN HALSEMA, T.B. *João Calvino Era Assim*. São Paulo: Vida Evangélica S/C. 1968, p.12.

³³² Os benefícios eclesiásticos que Calvino recebia era fruto direto da interferência de seu pai, prática comum em seu tempo. Ver: GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Reformadores**, op. cit., p. 108. Cf. FERREIRA, Wilson Castro. **Calvino: vida, influência e teologia**, op. cit., pp. 32,33; LESSA, Vicente Temudo. **Calvino (1509-1564), sua vida e sua obra**, op. cit., pp. 27,28; GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Ed. Vida Nova. 1994, pp. 168,169. Cf. GEORGE T. **Teologia dos Reformadore**. São Paulo: Vida Nova. 1994, p. 168.

Até 1523, Calvino assistiu aulas numa escola de sua cidade natal. Com 14 anos, foi enviado ao *Collège de la Marche*, um famoso internato em Paris, cujo professor de latim e diretor era Mathurin Cordier.³³³ Cordier era conhecido como o fundador de uma nova pedagogia, que Calvino aprendeu, somente por pouco tempo, na classe de latim, mas venerou durante toda a sua vida.³³⁴ Daí eclodir no estudante picardo um profundo amor pela Renascença e os estudos humanísticos.³³⁵

Depois de um breve tempo, Calvino mudou – por razões desconhecidas – para outro internato: o *Colégio de Mantaigu*. Este era um baluarte da ortodoxia católica romana e provocava medo em seus alunos. Bem sabemos que as universidades de Paris recebiam, na sua maioria, alunos de famílias *burguesas emergentes* ou *aristocráticas*.³³⁶ No século XVI, as universidades francesas passavam por um período de declínio, fruto, em parte, do fim da Idade Média, principalmente como centros de treinamento profissional.³³⁷ A princípio, seu pai pretendia que ele estudasse teologia em Paris. Provavelmente a grande motivação teria sido a possibilidade de o filho continuar o progresso eclesiástico que Gérard Cauvin havia conquistado na diocese de Noyon. Na verdade, havia possibilidade real de crescimento eclesiástico para a família de Calvino, inclusive pela própria influência, alcançada por seu pai.³³⁸ É bom esclarecer que tal interesse e prática faziam parte do seu tempo. Alister, Ganoczy e Lessa dizem o seguinte sobre a formação inicial do jovem Calvino:

³³³ Naquele tempo, a peste tomou conta da Noyon. Era o momento ideal para Calvino iniciar seus estudos em Paris. Sobre isto, ver: MCGRATH, Alister, op. cit., p. 38. Ver. BIÉLER, A. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**, op.cit., p.114. Mathurin Cordier fora um dos maiores professores de latim de seu tempo. Cf. GEORGE T. *Teologia dos Reformadores*, op. cit., p. 169.

³³⁴ GONZALEZ, Justo L., op. cit., p. 109. A ida de Calvino a este colégio atendia aos desejos do pai de Calvino, que desejava fazê-lo um clérigo. Dada a notabilidade de Cordier, anos depois haveria de lecionar na Academia de Genebra, e ao interesse de Calvino, este foi um período de profunda dedicação aos estudos, traço que o acompanhou em toda a sua vida de Calvino. Aproveitou ao máximo a sabedoria e experiência do seu preceptor. Cordier foi capaz de influenciar tremendamente a mente, já brilhante, de Calvino, ao colocá-lo em contato direto com o Humanismo.

³³⁵ MARTINA, Giacomo, op. cit., p. 146. Foi ali que passou a conhecer os bons autores clássicos, desenvolvendo sua habilidade de pensar e sua capacidade de falar e escrever em latim. Cícero foi seu grande referencial clássico. Ver também: LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 34.

³³⁶ VERGER, J. Le rôle social de l'université d'Avignon au Xme siècle. BHR 33 (1971), pp. 489-504.

³³⁷ GOFF, Jacques Le. "La conception française de l'université à l'époque de la Renaissance", pp. 94-100.

³³⁸ *Ibidem*, p. 49.

Em 1526, após concluir seus estudos humanistas, Calvino vai estudar humanidades, ou filosofia, curso preparatório para os demais. *O costume atual de estudar teologia, logo que se entra na universidade, era desconhecido no século XVI, em Paris.*³³⁹ Estudar filosofia, durante quatro ou cinco anos era condição natural à época para alguém cursar teologia.³⁴⁰ Após a saída de Calvino de Montaigu, em 1528, o *espanhol Inácio de Loyola toma assento aos pés dos mesmos preceptores.*³⁴¹

Segundo Karl Reuter, Calvino, como aluno de John Mair (ou Major) em Paris, foi tremendamente influenciado por este professor escocês.³⁴² Mair abriu os horizontes teológicos de Calvino, colocando-o diante de uma nova concepção antipelagiana, bem como de uma nova visão agostiniana. Já Wendel diz que Mair colocou Calvino diante das obras *Four Books of the Sentences*, de Pedro Lombardo, teólogo de muita influência no seu tempo, ensinando-o a lê-las com as lentes de William de Ockham.³⁴³

Calvino fez amigos, entre eles estavam alguns simpatizantes e, inclusive, seguidores da Reforma. Calvino não se pronunciou no tocante a esta, já que a polêmica luterana contra Zwínglio parecia a ele demasiadamente forte. Nem sequer sabemos com certeza se Calvino, há este tempo, conhecia os escritos de Lutero. Em todo caso, não aderiu à Reforma, permanecendo fiel à doutrina católico-romana. É possível caracterizar o Calvino deste tempo como um humanista católico, que desejava uma renovação das ciências, mas não por uma Reforma no sentido luterano.

³³⁹ Ibidem, p. 41.

³⁴⁰ GANOCZY. *The Young Calvin*, p. 174. Quanto ao suposto desejo de seu pai de que estudasse teologia, podemos verificar as memórias posteriores de Calvino: OC 31.22. Cf. o comentário de Bèze, “*son coeur tendit entièrement à la Théologie*” (OC 21.29).

³⁴¹ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 39. No ano seguinte, Calvino foi estudar no Collège de Montaigu, de orientação escolástica, onde estudou gramática, filosofia e teologia. Ali teve contato com o pensamento de vultos como Tomás de Aquino, Agostinho e Jerônimo. Estudaram, também, nessa famosa escola, Erasmo de Roterdã e Rabelais.

³⁴² REUTER, Grundverständnis der Theologie Calvins, pp. 20,21,28. Para uma visão resumida, cf. MCGRATH, A. E. *Reformation Thought*, (New York/Oxford, 1988), pp. 63,64. No entanto, esta tese é superficialmente modificada em um estudo mais recente de Reuter, Vom Scholaren bis zum jungen reformator. Sua tese anterior é aceita plenamente por McDonnell, *John Calvin*, pp. 7-13.

³⁴³ WENDEL, Calvin, p. 19. O fato de não encontrarmos referências explícitas aos teólogos Gregório de Rimini, John Mair e William de Ockham, por exemplo, nas *Institutas* de 1536, não quer dizer que Calvino não tenha recebido influência de tais escritores.

Gerard Cauvin decide, então, mandar, Calvino, em 1528, para Orleans, a fim de que ele estudasse Direito, o caminho mais seguro para a fama e a fortuna. Orleans era a requisitada e concorrida Universidade. Estudou com o mestre e jurista Pierre de l'Étoile, conhecido como “o príncipe dos advogados franceses”.³⁴⁴ Tornou-se *Licencié en lois* (Bacharel em Direito). Destacou-se por sua inteligência e brilhantismo. Foi monitor da disciplina em várias ocasiões, nas quais, certa feita, por seu notável crescimento, o grande mestre Pierre de l'Étoile o convidou para ministrar uma aula em seu lugar. O resultado foi maravilhoso, provocando a admiração de todos.³⁴⁵ Foi-lhe oferecido o título de doutor em Direito, o que não sabemos se Calvino aceitou.³⁴⁶ O historiador católico Florimond de Raemond oferece um belo testemunho sobre a vida de Calvino como estudante de Direito. Dizia ele:

Distinguia-se por um espírito ativo e uma grande memória, por uma grande destreza e vivacidade em recolher as lições e discursos que seus mestres proferiam e que depois confiava à escrita, com facilidade maravilhosa e beleza de linguagem, deixando sobressair muitos conceitos e transportes de um belo espírito.³⁴⁷

Calvino foi bastante influenciado pela filosofia natural aristotélica, mesmo rejeitando, posteriormente, o escolasticismo medieval. Por exemplo, em suas obras, a partir de 1550, há embates freqüentes sobre toda a cosmologia aristoteliana.³⁴⁸ Quando pensamos nos estudiosos dialéticos, Goulet afirma:

É inútil falar em horas de estudo, no que se refere aos dialéticos. O dia não é longo o suficiente! Há constantes discussões, vigorosas defesas de sofismos, aos domingos e feriados; recitais três vezes por semana e críticas e debates aos sábados.³⁴⁹

³⁴⁴ A frase é de Teodoro Beza: OC 21.121-2. Sobre a discussão da controvertida data da mudança para Orleans, ver Parker, John Calvin, pp. 189-191.

³⁴⁵ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 51.

³⁴⁶ Parece que Beza dá a entender que Calvino recebeu tal título. Entretanto, deixa muito claro em sua narrativa. (Teodoro Beza. *Life of the John Calvin: em Tracts and Treatises on the Reformation of the Church*. Vol. I, Ixi; Teodoro Beza. “*Life of John Calvin*”. John Calvin Collection, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 05. Cf. SCHAFF, Phillip. *History of the Christian Church*. Vol. VIII, p. 306; Cf. LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 51; FERREIRA, Wilson Castro, op. cit. pp. 45,46.

³⁴⁷ WYLIE, J. A. *History of protestantism*. Vol. II, p. 156.

³⁴⁸ KAISER, “*Calvin’s Understanding of Aristotelian Natural Philosophy*”.

³⁴⁹ Quicherat, *Historie de Sainte-Barbe*, Vol. I, p. 330.

Em 1529, Calvino deixa Orleans e vai para Bourges, buscando aperfeiçoar seus estudos em Direito, fruto da presença do grande jurista, o italiano André Alciati, conhecedor profundo do direito romano, que fora convidado por Francisco I.³⁵⁰ Ele era “um jurista de primeira linha, teórico da soberania do príncipe”.³⁵¹ Em Bourges, encontrava-se o luterano Melchior Wolmar, sendo que, provavelmente, estivera em Orleans primeiro. Ali, Calvino foi introduzido ao estudo do grego, aprofundando ainda mais seu conhecimento do NT.³⁵² Quando escreveu seu comentário sobre a 2ª carta aos Coríntios, dedicou-a a Melchior Wolmar, em 1546.³⁵³ Sucessor e um dos primeiros biógrafos de Calvino, Theodoro Beza, foi conhecido pelo reformador em Bourges, quando ainda contava apenas dez anos.

Ficam evidentes que os ensinamentos jurídicos que Calvino adquiriu, exerceram forte influência sobre sua vida. Timothy George afirma que tal conhecimento o preparou para futuros trabalhos, que exerceria em Genebra, onde pôde promover uma ampla reforma nas instituições desta cidade. Ainda mais. Os estudos jurídicos abriram-lhe a visão para a antiguidade clássica, bem como os estudos dos textos antigos, nas línguas originais.³⁵⁴

Calvino tornou-se um competente estudioso das Escrituras, bem como da história e do pensamento dos Pais da Igreja e ainda dos grandes clássicos gregos. No início, sempre por conta própria. Há um forte comentário sobre tal fato, nas palavras do pensador e comentarista bíblico Martin Dreher:

³⁵⁰ Francisco I, Rei da França, sucessor de Luís XII, iniciou seu reinado no dia 1 de janeiro de 1515. Inicialmente parecia moderado com a causa protestante, posteriormente tornou-se perseguidor do protestantismo. Ver: BIELÉR, André, O Pensamento Econômico e Social de Calvino, p. 104.

³⁵¹ LADURIE, Emmanuel Le Roy. O Mendigo e o Professor: A Saga da Família Platter no Século XVI. Rio de Janeiro. Ed. Rocco. Vol. I, 1999, p. 325. In: COSTA, Hermisten Maia Pereira, op. cit., p. 02.

³⁵² LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 51.

³⁵³ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 52.

³⁵⁴ GEORGE, Timothy. Theology of the Reformers. Nashville: Broadman. 1988, p. 171.

Nenhum teólogo influenciou tão profundamente o protestantismo pós Lutero quanto Calvino. [...] Curiosamente, o criador da dogmática das Igrejas reformadas jamais estudou Teologia. Em Paris, tinha estudado Lógica, Dialética, Metafísica, elementos que, em muito, o auxiliaram em seu estudo teológico autodidata. O fato de não ter estudado Teologia, nos moldes tradicionais, possibilitou-lhe um encontro com a Bíblia, com a Patrística e com textos de teólogos do protestantismo emergente, que não estavam condicionados pela escolástica. Quem lhe preparou o caminho para esse encontro foram os humanistas cristãos, amplamente combatidos pela ortodoxia parisiense.³⁵⁵

Após a morte de seu pai, Calvino ficou desobrigado do estudo do Direito e passou a estudar Literatura Clássica, sua verdadeira paixão. O rei Francisco I fundou, em Paris, uma universidade com orientação humanista, na qual Calvino se matriculou. Em Paris, agora pela segunda vez, residiu no Colégio Fotet. “Em Paris devotou-se ao estudo das línguas originais das Escrituras e se absorveu ainda em estudos teológicos”.³⁵⁶ Em 1532, publica o seu primeiro livro, uma edição do livro de Sêneca intitulado "Sobre a Clemência", completada com um aparato textual e um longo comentário.³⁵⁷ Editado com seus recursos pessoais e, segundo McNeill, “o principal monumento dos conhecimentos humanísticos do jovem Calvino”.³⁵⁸ Ele apoiou grandemente o famoso humanista Guillaume Budé (1467-1540), que, juntamente com Erasmo (1469-1536) e Juan Luis Vives (1492-1540), formavam o “triumvirato do humanismo europeu”.³⁵⁹

A pergunta que fazemos, a essa altura, é: quando Calvino se converteu à Reforma? Calvino endossou a Reforma de uma forma inicialmente discreta. Ele próprio revela que viveu uma *conversio subita*.

³⁵⁵ DREHER, Martin. **A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma**. Coleção História da Igreja. Vol. III. São Leopoldo: Sinodal, 2004, pp. 94-95.

³⁵⁶ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 55.

³⁵⁷ WALLACE, Ronald, op. cit., p. 12. Cf. SILVESTRE, A. A. **Calvino e a Resistência ao Estado**. São Paulo: Ed. Mackenzie. 2003, p. 83.

³⁵⁸ MCNEILL, John T. *The History and Character of Calvinism*. N. Y. 1954, p. 104. Cf. BIERMA, L. D. *A Relevância da Teologia de Calvino para o Século 21* In Fides Reformata, VIII.2 (2003), p. 11.

³⁵⁹ FRAILE, Guillermo. *Historia de la Filosofía*. Madrid: La Editorial Católica, S. A., Vol. III. 1966, p. 62.

Eu estava tão profundamente entregue à superstição papista que dificilmente poderia ser liberto de tanta convicção. Porém, de repente, Deus mudou meu coração dócil e suavemente por uma conversão súbita, pois, apesar da minha idade, eu estava bastante endurecido frente a este assunto. Sem dúvida, quando tive algum conhecimento da piedade verdadeira, imediatamente me invadiu um tremendo anelo de tirar proveito disto. Não deixei os diversos estudos completamente, porém, cada vez mais, os deixei de lado. Grande foi minha surpresa quando, antes do término do ano, todos os que sentiam o anelo pela doutrina pura estavam reunidos em torno de mim para aprender, ainda que eu mesmo fosse quase que um principiante.³⁶⁰

O médico Nicolas Cop, reitor da Universidade de Paris, na qual estava matriculado Calvino, inaugurou, em novembro de 1533, o semestre universitário com um discurso em uma Igreja parisiense. Na sua pregação sobre as bem-aventuranças do sermão do monte, Cop se professa reformado. Os franciscanos, em cuja Igreja a conferência se deu, acusaram Cop de heresia³⁶¹ e, depois de algumas semanas, ele vai até Basileia, sua cidade natal. Os investigadores acabam suspeitando de Calvino e da sua participação na formulação do discurso. Se de fato Calvino compartilhou com as idéias de Cop, sua adesão à Reforma se deu no outono de 1533.³⁶²

³⁶⁰ *Reply to Cardeal Sadoletto's Letters*, C. Tr., Vol. I, p. 62. Para uma discussão completa dessa questão cf. F. Busser, *Calvin's Urteil uber sich selbst*, Zurich, 1950, pp. 26ss; também John T. McNeill, *History and Character of Calvinism*, N. Y. 1954, pp. 109ss. Cf. Danièle Fischer. *Nouvelles réflexions sur la conversion de Calvin. Études Théologiques et Religieuses*, n. 58, 1983. Cf. Alexandre Ganoczy. *Le jeune Calvin. Genèse et évolution de sa vocation réformatrice*. Wiesbader: F. Steiner, 1966. Cf. O Millet. *Calvin et la dynamique de la parole. Étude de rhétorique réformée*. Paris: Champion, 1992. Significa afirmar que Calvino converteu-se entre Paris e Orleans, período em que prosseguiu seus estudos literários (Paris) e concluiria sua formação em Direito (Orleans)

³⁶¹ “A Sorbona e o Parlamento reuniram-se para ouvir o caso e o confiado reitor saiu da universidade acompanhado de seu séquito para responder perante o Parlamento” In: LESSA, Vicente Temudo, p. 58.

³⁶² Avisado de que encontraria a morte, fugiu imediatamente para Basileia. Calvino foi acusado de ter escrito o tal discurso. De igual forma teve que fugir de Paris, escondendo-se, por semanas seguidas, nos arredores de Paris, próximo de Nantes. Logo que pôde, seguiu caminho para Angoulême, terra de Margarida de Navarra. Ali permaneceu por vários meses, até o final de 1533, na residência de Du Tillet, onde pôde dedicar-se intensamente aos estudos, pois privava de uma vasta biblioteca do seu hospedeiro. Ver: FERREIRA, Wilson Castro, op. cit., pp. 62-65. Ver também MCGRATH, Alistar. *A vida de João Calvino*, op. cit., pp. 83-85.

Em outubro de 1534, a cidade de Paris entrou em turbulência devido ao chamado *caso das afirmações*. Estas foram afirmações contra a missa, e os luteranos foram acusados de serem autores de uma conspiração contra a ordem pública e a religião. Calvino já havia causado rumores por confessar publicamente sua fé evangélica e por fazer proselitismo. Por causa disto, Calvino teve que sair da cidade e buscar um lugar tranquilo para seguir com seus estudos. Queria redigir um catecismo para ser lido pelos franceses. Por isto, passou as primeiras semanas do ano de 1535 na cidade de Basileia.

2.4.2 A Primeira Estada de Calvino em Genebra (1536-1541)

Assim, Calvino, ao chegar a Basileia, adota o pseudônimo de *Lucianus*, um anagrama latino do seu nome, Calvinus.³⁶³

Diferentemente de Lutero, em 1536, Calvino não estava preocupado, neste tempo, com as discussões acirradas com o escolasticismo medieval ou qualquer tipo de mudança no programa teológico das universidades. Quando lança as *Institutas*, sua preocupação era lutar contra os inimigos da indiferença e da ignorância, apresentando, de forma sistematizada, os pontos fundamentais da Reforma.³⁶⁴ É preciso dizer que, no início da Reforma, a maior preocupação de Lutero era o embate com a Igreja sobre a doutrina da justificação somente pela fé, ou como o homem entrava em comunhão com Deus. Mas a Reforma, vivida mais ao Sul, buscava discutir as mudanças necessárias tanto na Igreja quanto na sociedade, segundo as Escrituras.

Nas *Institutas* de 1536, Calvino tem como preocupação principal criticar as formas eclesiológicas da Igreja Católica, provenientes dos grandes teólogos medievais, sobretudo Graciano e Pedro Lombardo. O que ele queria era questionar e desacreditar as eclesiologias em sua *fons et origo*.³⁶⁵ O escolasticismo não produzia ecos ressonantes em Estrasburgo ou Genebra, naqueles dias de Calvino.

³⁶³ Temos nesse período a primeira e segunda estadas de Calvino em Genebra (1536-1541).

³⁶⁴ MCGRATH, Alister, op. cit., p. 55.

³⁶⁵ MCGRATH, Alister, op. cit., p. 56. Quando Calvino cita a obra *Four Books of the Sentences*, de Pedro Lombardo, nas *Institutas* de 1536, são retiradas do quarto livro, que trata exatamente da doutrina da Igreja e dos Sacramentos. Cf. p. 56.

Em abril de 1536, depois da publicação da sua obra *Institutio*, Calvino viajou a Paris para ver seus irmãos. Lá se encontrou, pela primeira vez, com Miguel Serveto, que acabara de editar, em Hagenau, *Alsácia*, sua obra contra o dogma da Trindade. Seguiu, posteriormente, para Estrasburgo, onde esperou se encontrar com Bucer e seus correligionários. Não pôde tomar o caminho mais curto, porque o rei da França, Francisco I, e o imperador, Carlos V, estavam em guerra. Por isto, Calvino tomou o caminho mais seguro, passando por Lyon e Genebra. Em Genebra, encontrou-se com Guilherme Farel. Calvino descreve Farel da seguinte maneira:

O caminho mais curto à Estrasburgo. Para onde queria ir, estava fechado devido à guerra. Por isto pensava estar aqui (Genebra) somente de passagem, passando lá apenas uma noite. Aqui, pouco antes, o papado havia sido abolido por um homem reto que mencionei antes (Farel), e pelo mestre Pierre Viret. Porém as coisas não evoluíam como deveriam, e entre os cidadãos existiam dissidências e partidarismos. Neste momento, fui descoberto por um homem (Tillet), que me apresentou aos outros. Em consequência, Farel, que estava iluminado pelo sonho de fomentar o evangelho, fez muitíssimos esforços para deter minha partida e, quando afirmei que eu queria manter-me livre para meus estudos privados, e quando viu que seus argumentos não davam em nada, passou a maldizer-me: “Que Deus amaldiçoe seus estudos e tranquilidade por estar diante de uma emergência tão grande e não apoiar a Reforma.” Estas palavras me perturbaram e assustaram profundamente, tanto que renunciei a minha viagem planejada. Consciente dos meus temores e timidez, não queria por nada ser obrigado a assumir um cargo determinado.³⁶⁶

³⁶⁶ João Calvino, **Prólogo ao Comentário dos Salmos**.

A Reforma havia sido introduzida em Genebra em 1535.³⁶⁷ Genebra lutou “contra a tirania de um duque e de um bispo até derrotá-los.”³⁶⁸ O duque chamava-se Charles III, de Savoy³⁶⁹, e o bispo, Pierre de La Baume.³⁷⁰

Farel foi a pessoa que inseriu Genebra na Reforma. Havia feito muitas mudanças, porém a Reforma foi imposta pelo Conselho da cidade também por buscar maior independência em relação aos bispos.³⁷¹

³⁶⁷ Oferecemos, aqui, alguns autores de renome que podem ajudar no conhecimento maior sobre a Genebra daquele período: Monter, E. W. *Studies in Genevan Government*, 1964c, e Calvin’s Geneva, 1967; Kingdon, R. M. *Geneva in the coming of the wars of religion in France*, 1956. Estas obras podem ser auxiliadas ainda com *Annales Calviniani*, dada a sua imensa riqueza de informações e dados cronológicos, bem como documentos sobre os registros do Conselho de Genebra (*Registres du Conseil*), e ainda por Bergier, J. F. e Kingdon, R. M. (eds). *Registres de la Compagnie des Pasteurs de Genève*. Vols. 1 e 2, Genebra, 1962-1964. Verificando estudos mais antigos, temos, ainda, *Doumergue: Jean Calvin, les hommes et les choses de son temp*, Vols. 5 e 6, 1889-1927, contendo uma fabulosa e inesgotável fonte de citações.

³⁶⁸ SILVESTRE, Armando Araújo. **Calvino e a Resistência ao Estado**. São Paulo: Ed. Mackenzie. 2003, p. 20.

³⁶⁹ “O duque de Savoy reuniu mais de 500 mercenários para atacar Genebra, cercando-a no final de 1535. A cidade apelou para Berna. Como não houve resposta, apelou para o rei Francisco I, da França. O rei francês enviou pequena força de cavalaria, que chegou a Genebra desfalcada pelo inverno nos Alpes e pelos ataques das tropas de Savoy”. No entanto, Berna, percebendo as dificuldades de Genebra, mandou aproximadamente 6 mil soldados para libertar Genebra, isso em fevereiro de 1536.

³⁷⁰ Em 1539, o bispo Pierre de La Baume tornou-se cardeal, em 1544, arcebispo de Besançon, conforme Monter (1964b, p. 130). A cidade de Genebra não ofereceria mais espaço para regimes totalitários ou teocráticos. Tal constatação serve-nos para sustentar a tese de que Calvino não foi um tirano. Quando Calvino e Farel estiveram na cidade juntos, foram banidos, pois talvez tentassem impor algum tipo de liderança religiosa mais forte. Mesmo quando convidado para retornar, jamais recebeu da cidade poderes absolutos. Na verdade, ele não exerceu domínio sobre Genebra. Calvino jamais pode ser classificado de tirano, pois sua luta foi estabelecida na ruptura com as mazelas da Igreja de então, bem como contra qualquer domínio político-eclesiástico. Ora, como supor um Calvino tirano, sendo ele forte defensor de uma prática cristã que implicava em resistência à própria tirania? Cf. SILVESTRE, Armando Araújo, p. 20.

³⁷¹ Guilherme Farel, percebendo que Genebra estava aberta aos ideais da Reforma, buscou influenciar o Conselho municipal no sentido de aderir à Reforma. A resposta foi positiva, pois, em 19 de maio de 1536, o Pequeno Conselho resolveu convocar um grande conselho geral para perguntar se o povo queria viver de acordo com a nova fé Reformada. “Por fim, ao cabo de algumas semanas, Genebra assumiu definitivamente a sua divisa: pos tenebras lux – após as trevas, a luz.” In: SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 24. Logo depois, a cidade votou favoravelmente “pela conclusão da primeira fase da Reforma na cidade, jurando viver, de agora em diante, de acordo com a lei do Evangelho e com a Palavra de Deus”. MCGRATH, Alister, op. cit., p. 115. Conforme SILVESTRE, Armando Araújo, “o motor adotado pela cidade, *Pos Tenebras Lux*, mais parecia uma afirmação profética que uma realidade presente nessa primeira estada de Calvino”, op. cit., p. 96.

Assim, Genebra, agora, possuía *status* de cidade-estado, onde o magistrado estava acima do bispo e do duque. Nesse sentido temos que admitir que a Reforma foi introduzida, na cidade, como consequência da reforma civil. O Conselho Geral, adotando a Reforma deliberou medidas que haveriam de influenciar Genebra nas suas mais diversas áreas, como por exemplo, social, econômica, política e religiosa.³⁷² A influência fora tal que Genebra tornou-se cidade-refúgio para aqueles que fugiam das perseguições religiosas. Alister diz o seguinte:

A declaração dos cidadãos de Genebra pode dar a aparência de haver criado uma Igreja Reformada. Na verdade, ela fez pouco mais do que criar uma perspectiva reformadora vazia, sem substância, dentro da qual as intenções tinham precedência sobre as ações. Rejeitar o catolicismo era uma coisa; construir uma nova ordem e um novo governo eclesial era outra bem diferente. Sem uma ideologia religiosa definida, nenhum passo positivo nessa direção poderia ser dado.³⁷³

Faltava, portanto, estabelecer conteúdo à Reforma iniciada. O partido católico romano seguia com muita influência e Farel estava sobrecarregado. Nesse ínterim, Calvino viajava da França para Estrasburgo, em 1536³⁷⁴, e de passagem por Genebra, foi então que Farel o persuadiu fortemente a permanecer na cidade.³⁷⁵ Calvino não estava muito disposto a enfrentar os grandes desafios da cidade, sobretudo por parte daqueles que se opunham às idéias reformadas.³⁷⁶

³⁷² **Resoluções do Conselho**, R. C., de 18.3.1539, in: Opera Calvini, p. 245,21.

³⁷³ MCGRATH, Alister, op. cit., p. 116.

³⁷⁴ Segundo Alister, naquele mesmo ano, o exército de Berna havia conquistado Lausanne e alimentava o desejo de conquistar novos territórios. A luta pelo estabelecimento do domínio religioso de determinada cidade dava-se por meio de debates teológicos. Queriam que toda a Lausanne aderisse à posição de Berna. Por questões lingüísticas, o Conselho de Berna convidou Farel e Viret para apresentar suas idéias sobre a Reforma. Foi convidado e lá se encontrou (Cf. MCGRATH, Alister, op. cit., p. 117). Dez artigos foram apresentados, conhecidos como *Les conclusions qui doibvent estre disputées a Lausanne nouvelle province de Berne*, no dia primeiro de outubro de 1536 (A escrita em francês é de sua época). A certa altura do debate, Calvino solicitou a palavra e interveio, e passou a discorrer com tamanho conhecimento, citando fluente e literalmente os grandes Pais da Igreja, que a todos impressionou. O reformador saiu do debate com a fama de grande orador e grande apologista da fé reformada. O resultado foi tal que, no final daquele ano, Calvino já tinha sido designado pastor de Genebra. No entanto, “Calvino era pouco mais do que um simples servidor civil, vivendo na cidade sob licença. Era o Conselho municipal, e não Calvino, Farel ou Viret – que controlava os assuntos religiosos de nova república” (Cf. MCGRATH, Alister, op. cit., p. 119). Na verdade, os pastores ficavam sempre à mercê das decisões e possíveis mudanças por parte do Conselho.

³⁷⁵ MARTINA, Giacomo, op. cit., p. 147. Cf. SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 91. Calvino mesmo relata o encontro com Farel: “Mestre Guillaume Farel me reteve, em Genebra, não através de conselhos e exortação, mas por uma adjuração espantosa, como se Deus, mesmo do alto, estendesse sua mão sobre mim para me deter.” (Cf. Cottrett, 1995, p. 393).

³⁷⁶ GONZALEZ, Justo L., op. cit., p. 113.

Calvino desconhecia as sutilezas da administração pública, fosse na área da política urbana, fosse na área econômica. É neste contexto que Calvino se estabelece em Genebra. Passa a desempenhar a tarefa de “leitor da Santa Escritura na Igreja de Genebra”,³⁷⁷ e passa a pregar e apoiar a formação da Igreja genebrina.³⁷⁸

Tornou-se apenas, no primeiro momento, um professor e conferencista ou expositor das Escrituras. Em pouco tempo, Calvino deixa de ser apenas *lecteur* e assume também a posição de *prédicateur* e de *pasteur*, vendo as grandes e urgentes necessidades de organização da Igreja de Genebra. “Ainda em 1536, ele publicou sua pequena Confissão de Fé para as Igrejas reformadas.”³⁷⁹

Calvino, mesmo sem tanta experiência, trabalhou, nesse período, objetivando tornar o cidadão genebrês um verdadeiro cristão, cuja experiência de fé fosse externada na prática cristã.

Em 1537, Calvino envia uma proposta para a reorganização da Igreja ao Conselho da cidade.³⁸⁰ Aqui é possível observar uma característica básica da teologia de Calvino: sua prioridade é sempre a forma pela qual a Igreja se apresenta. Não adere ao conceito anabatista, que considera a Igreja como uma comunidade exclusiva dos eleitos.

³⁷⁷ MARTINA, Giacomo, op. cit., p. 147.

³⁷⁸ Philip Hughes nos conta que não foi muito antes que Calvino foi compelido “pelas circunstâncias da controvérsia na cidade [...] a adicionar aos seus compromissos de ensino a responsabilidade da pregação pública”. Philip E. Hughes, ed., introdução ao *The Register of the Company of Pastors of Geneva in the Time of Calvin* (Grand Rapids, MI, William B. Eerdmans Publishing Co.), p. 5.

³⁷⁹ SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 95.

³⁸⁰ Ele imediatamente obteve o consentimento do Senado em Genebra para uma forma de política eclesiástica que fosse derivada da Palavra de Deus, e da qual não deveria ser permitido que nem ministros nem pessoas se apartassem. A *Church Order of the Protestant Reformed Churches* (A Ordem das Igrejas Protestantes Reformadas), que é essencialmente a Ordem da Igreja de Dordrecht (1618-1619).

A Igreja é mais bem explicada como a comunidade dos fiéis que se comprometem livremente com ela. Calvino e Farel redigiram uma confissão em francês (Confissão de Fé) que teve que ser afirmada por todos os habitantes de Genebra, para determinar quem quisesse professar o Evangelho e quem preferisse pertencer ao reinado do Papa, ao invés do reinado de Cristo. Calvino introduziu mais mudanças: os salmos passaram a ser cantados nos cultos, a catequese foi introduzida, foi redigido um catecismo mais curto que as *Institutas* e muito parecido com o Catecismo Menor, de Lutero. Porém, as propostas reformatórias de Calvino não foram aceitas facilmente no Conselho, só sendo aprovadas após muita indecisão deste. O conflito se instalou de forma mais intensa quando os cidadãos de Genebra foram incitados a fazer a confissão preparada por Calvino. Muitos não queriam fazer e as tensões entre Católicos e Reformados aumentaram, fazendo da obrigação da confissão de fé um fracasso.³⁸¹ Calvino, porém, continuou a insistir na obrigatoriedade desta confissão.

A resistência a Calvino foi estabelecida e, em 1538, os partidos de oposição de tendência católico-romana ganharam terreno. Soma-se a isto a inquietação, causada pelos anabatistas. Acusações graves foram feitas contra Calvino e Farel. Entre elas, a afirmação de que Calvino teria aderido à seita dos arianos. Esta acusação foi levada a Berna (com a qual Genebra estabeleceu um tratado de cooperação mútua), onde as atitudes de Calvino foram vistas como suspeitas. Não houve maiores conseqüências, porém a posição de Calvino, em Genebra, debilitou-se devido às acusações. Nas eleições de 1538, a oposição vence e o novo Conselho proíbe que Calvino e Farel preguem no Domingo da Ressurreição. Calvino e Farel desobedecem e pregam, sendo destituídos de seus cargos. Dentro de três dias tiveram que abandonar a cidade.³⁸²

³⁸¹ Sobre este período específico, afirma Calvino: “Fosse eu narrar os inúmeros conflitos por meio dos quais o Senhor tem me exercitado, desde aquele tempo, e as quantas provações com as quais Ele tem me testado, daria uma longa história”. Calvin, prefácio, p. XLIV.

³⁸² “João Calvino e Farel tiveram muitos adversários e opositores em Genebra [...].Finalmente a oposição venceu as eleições. E no dia 23 de abril de 1538, Calvino e Farel foram banidos de Genebra.” In.: Gonzales, Justo, **A Era dos Reformadores**, p. 56.

Ao sair de Genebra, Calvino procurou seguir à Basiléia para prosseguir seus estudos, e Farel foi chamado para ir à Neuchâtel no mesmo ano. Os amigos de Calvino o acusaram de ser demasiadamente obstinado, o que ele admitiu. Decidiu, por causa disto, não assumir uma vida pública, optando por uma vida discreta e pelo serviço como acadêmico.³⁸³ Durante algum tempo, recusou o convite da cidade de Estrasburgo, de ocupar-se lá e cuidar pastoralmente dos refugiados franceses daquela cidade. Por fim, Calvino aceita o convite feito por insistência de Martin Bucer e Wolfgang Capito.³⁸⁴

³⁸³ Calvino pode colocar em prática muitas de suas idéias sobre a dinâmica eclesial (Ver. WALLACE, Ronald, op. cit., p. 43). Adquiriu grande experiência na administração eclesiástica, bem como na área da “*organização e disciplina eclesial e civil*” (Ver. MCGRATH, Alister, op. cit., p. 124). Na então recém-fundada Academia de Johann Sturm, ele pode exercer a docência. Foi um período profícuo de produção literária. Mesmo enfrentando sérios problemas financeiros, motivo pelo qual teve que se desfazer de boa parte de sua biblioteca, foi capaz de lançar nova edição das *Institutas*, em agosto de 1539, sendo complementada em sua versão francesa, em 1541. O grande comentário aos Romanos foi preparado nesse período, escrito em 1539, dedicado a Simão Grynaeus, professor de Calvino em hebraico, reformador em Basiléia. “A Igreja e a comunidade Reformadas, que haviam existido apenas em sua mente, na Genebra de 1538, eram agora realidades concretas. A teoria abstrata e o sonho foram substituídos pela experiência prática e concreta” (MCGRATH, Alister, op. cit., p. 124). De fato a vida transcorria muito bem. Alcançou a cidadania strasbourgeois e, em agosto de 1540, contraiu núpcias com Idelete, uma jovem senhora, viúva de um anabatista. Casou-se em 14 de agosto de 1540. No entanto, seu casamento durou apenas nove anos, pois sua esposa morreu, vítima de tuberculose. Tiveram apenas um filho, que também morreu ainda muito criança. Cf. SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 102. Calvino havia adquirido experiência, conhecimento e alto prestígio.

³⁸⁴ SCHAFF, Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 299.

Em 1538, Estrasburgo se tornou um dos principais centros do protestantismo alemão. Bucer e Capito se mantiveram teologicamente independentes, ainda que tivessem aderido, em 1536, à Reforma de Wittenberg. Bucer é considerado o líder mais imprescindível nas negociações do partido evangélico. Portanto, Calvino tornou-se pastor de uma comunidade de refugiados franceses e assumiu um modelo eclesiástico adotado em Estrasburgo.³⁸⁵ Adotou a ordem de culto de Bucer, introduzindo somente algumas mudanças.³⁸⁶ Além disto, Calvino assumiu uma cadeira de exegese na faculdade da cidade, que havia sido fundada recentemente. Ali trabalhou numa nova edição de sua obra *Institutio*, que foi publicada em 1539.

O tempo de Calvino em Estrasburgo foi considerável para compreender sua mente, já que a cada semana ele dava conferências, pregava quatro sermões, elaborava seus livros, viajava várias vezes para participar dos diálogos sobre a religião. Ali foi o lugar em que Calvino conheceu Melancton; nasceu entre os dois uma profunda amizade.

³⁸⁵ Segundo o biógrafo Courvoisier, Estrasburgo é a cidade onde Calvino se torna verdadeiramente Calvino. O seu sistema de pensamento é aqui consubstanciado em algo de mais marcadamente original. A sua obra *Institutio* é aqui re-editada (1539). É agora três vezes maior do que a primeira edição. Em outubro de 1539, Pierre Caroli chega a Estrasburgo. Caroli está, agora, entre o catolicismo e o protestantismo. Ele acusa Calvino de o terem confundido na sua fé. Calvino é convocado a se submeter a um ritual tal como ele foi escrito por Caroli, para provar a sua fé. Uma humilhação para Calvino. Calvino sofre uma crise nervosa. Neste outono de 1539, Calvino escreve também um comentário à carta de Paulo aos Romanos. Este tema é particularmente querido do protestantismo. Porque ali se encontra a justificação, através da fé, como a base de sustentação do movimento protestante. Pois somente a fé salva e justifica. Ver: SILVA, Jouberto Heringer. **Música na Liturgia de Calvino em Genebra**, Fides Reformata, São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, vol. VII, nº 2, jul/dez, 2002, p. 91.

³⁸⁶ Até Bucer se tornar o reformador de Estrasburgo, a influência de Lutero era muito forte na liturgia reformada, sendo que Bucer trouxe a influência de Zwínglio à cidade, fazendo de sua liturgia uma síntese do pensamento de culto de Lutero e Zwínglio. A liturgia de Martin Bucer era mais simples que as missas romanas. Ele retirou muitos resposos, inseriu salmos metrificados e hinos, excluiu o *Kyries* e o *Glória in excelsis*, inseriu orações de gratidão, permitiu que o pregador selecionasse o texto de seus sermões e fez com que o culto tivesse se tornado menos estético e mais racional. Ver: WEBBER, Robert E., *Worship Old and New*, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984, p. 77-78. Como diz Charles Baird, Calvino “voltou-se para a autoridade e inspiração da lei e do testemunho de Deus.” BAIRD, Charles W., *A Liturgia Reformada*, Santa Bárbara D’Oeste: SOCEP, 2001, p.21. Calvino, em seus intentos reformadores na liturgia, procurou retornar a um culto evangélico e livre das distorções que a história trouxe. Ver: WHITE, James F., *Protestant Worship*, Tradition in Transition, Louisville: John Knox Press, 1989, p. 63.

Foi assim que o companheiro mais próximo de Lutero se tornou amigo de Calvino.³⁸⁷ Durante toda a sua vida, Calvino demonstrou um grande respeito a Lutero (e este também dirige palavras gentis a respeito de Calvino), porém, nos últimos dias de vida de Lutero, Calvino apresenta mais dificuldades em relação à rudeza dele.³⁸⁸

Enquanto desenvolvia seu ministério em Estrasburgo, os líderes procuraram direcionar Calvino para o casamento. Ele mesmo parecia não se identificar com a idéia, sendo reticente a esta. Calvino acabou, por fim, casando-se com Idalette de Bure, viúva de um anabatista a quem ele mesmo havia convertido. Em 1540, Farel veio de Neuchâtel para celebrar seu casamento.³⁸⁹

Enquanto isto, em Genebra, as coisas não evoluíam bem. Depois da partida de Calvino e Farel, a vida eclesiástica estava desorganizada. Alguns amigos de Calvino procuraram desabilitar os sucessores do Reformador. Calvino interveio, exigindo o reconhecimento dos novos pastores. As coisas se acalmaram, porém a situação segue incerta. Berna procura controlar Genebra.³⁹⁰ Os sucessores de Calvino também foram expulsos da cidade e cresceu, na cidade, o temor de um conflito armado. Os Reformados procuram convencer uma parte dos seus adversários que a ordem só poderia ser reestabelecida pelo retorno de Calvino o mais rápido possível.

³⁸⁷ LINDBERG, Carter, **As Reformas da Europa**, p. 234. Calvino continuou seus esforços pela unidade com Bucer e Melancton, porém a relação entre eles não mudou por isto. H. Koffijberg, *De Internationale Strekking van het Calvinisme*, (Amsterdam, 1916), pp. 15-21.

³⁸⁸ "A Reforma de Lutero, que foi complementada por Calvino e Zwínglio, modifica completamente a concepção religiosa de então." Ela começa por rejeitar os intermediários e aspira ir até Deus e o Cristo diretamente, sem passar pela cristandade. A fé é o ponto fundamental do Luteranismo e de toda a Reforma, a base de toda a religião reformada. "Nessa experiência do Cristo finalmente puro, finalmente a sós, estaria a fé." Haveria assim uma fé pura, puramente inspirada pelo Espírito. "A fé liberada de todas as contaminações dos interesses históricos e paixões da cristandade". DREHER, Martin, p. 15. DREHER, Martin, "Introdução". In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Editoras Sinodal e Concórdia.

³⁸⁹ Idelette de Bure (? - 29 de Março de 1549) foi a mulher de João Calvino, com quem se casou em Estrasburgo. Seu primeiro marido, Jean Stordeur, tinha falecido de peste bubônica. Tinha dois filhos e teve, com Calvino, pelo menos três, todos mortos na infância. Ver: Bouwsma, William J. **John Calvin – A Sixteenth Century Portrait** (Oxford, UK: Oxford University Press, 1988), p. 45; Cairns, Earle E., **O Cristianismo Através dos Séculos**, op. cit., p. 278; Ferreira, Wilson C., **Calvino: Vida, Influência e Teologia** (Campinas, LPC, 1985), p. 21.

³⁹⁰ Em 1526, os genebrinos firmaram uma aliança com os "cantões" de Berna e de Friburgo. Sendo assim, estavam mais fortalecidos para lutar contra o duque Carlos III, de Sabóia, que, em janeiro de 1531, concede independência política ao "cantão" genebrino e provoca assim a perda do poder temporal do bispo. Nos anos de 1526 e 1527, a cidade tinha sido atraída para a órbita da Suíça e, em 1533, Berna promovera ativamente a causa da Reforma Protestante em Genebra. Desde aí a influência da cidade protestante foi sentida e as decisões de Berna passaram a ser respeitadas em Genebra, que contava com sua ajuda militar. Ver: VAN HALSEMA, Thea B., **João Calvino Era Assim**, p. 81.

Em 20 de outubro de 1540, uma delegação viajou até Estrasburgo para pedir a João Calvino o seu retorno a Genebra. Calvino recusou o convite feito e então Farel apoiou os mensageiros e interveio; e Bucer, pelo contrário, desejou a permanência de Calvino em Estrasburgo.³⁹¹

O esforço para convencer Calvino dura meio ano, até que se decide a passar algumas semanas em Genebra. Finalmente, em 13 de setembro de 1541, Calvino chega a Genebra para passar estes dias, mas acaba permanecendo na cidade até o fim da sua vida.³⁹² Durante seu período na cidade, esta se tornou um refúgio para as pessoas advindas de todas as partes.³⁹³

³⁹¹ KEE, *Christianity: A Social and Cultural History*, 378.

³⁹² Calvino morre, em 27/05/1564, em Genebra. No seu funeral, não houve cerimônia religiosa e ninguém sabe, até hoje, onde está enterrado seu corpo. Schlesinger & Porto, **Geografia Universal das Religiões**, 1988:709.

³⁹³ Genebra chegou a abrigar mais de 6 mil refugiados vindos da França, Itália, Inglaterra, Espanha e Holanda. (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 802; Ricardo Cerni, *Historia del Protestantismo*, 2ª ed. corrigida (Edimburgo: El Estandarte de la Verdad, 1995), 63), aumentando este número com os estudantes que para lá se dirigiram com a fundação da Academia de Genebra (1559). Lembremo-nos que a população de Genebra era de 9 a 13 mil habitantes [9 mil segundo Reid (W.S. Reid, *A Propagação do Calvinismo no Século XVI*: em W. Stanford Reid ed., *Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental*, 52; 12 mil conforme McNeill (J.T. McNeill, *Los Forjadores del Cristianismo*, Vol. II, 211); 13 mil de acordo com Nichols (Robert H. Nichols, *História da Igreja Cristã* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1978), 164). Schaff apresenta dados mais específicos relativos a cada período: aproximadamente 12 mil habitantes no início do século XVI, aumentando para mais de 13 mil em 1543, tendo um surto de crescimento de 1543 a 1550, quando a população saltou para 20 mil (Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 802. Ver também *Tomas M. Lindsay, La Reforma y su Desarrollo Social* (Barcelona, CLIE, - 1986 -, 117). Afora isso, Calvino exerceu poderosa influência através da palavra falada e escrita; a sua Instituição - contrariamente à De Clementia - tornara-se um sucesso editorial desde o seu lançamento em 1536. Wendel nos diz que a primeira edição da Instituição esgotou-se em menos de um ano (François Wendel, Calvin (Nova York: Harper & Row, 1963), 113; Justo L. Gonzalez, *A Era dos Reformadores*, 111). (Ver também, Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, 177-178). Ladurie, analisando a saga da família Platter, diz que o ponto mais alto da tipografia de Platter - Lasius - que publicou a primeira edição da Instituição, em latim (1536) -, foi com a obra de Calvino, a qual "projetara Thomas". (Ver Emmanuel Le Roy Ladurie, *O Mendigo e o Professor: A Saga da Família Platter no Século XVI*, Vol. 1, 152, 153, 166).

2.4.3 A Segunda Estada de Calvino em Genebra

Calvino estava seguro de que Deus o havia chamado para a tarefa de reformar a Igreja daqueles dias. Sua primeira resposta a esse chamado foi dedicar-se à obra com seu saber e sua admirável inteligência. Mais tarde, olhou claramente que Deus o queria em Genebra, ainda que seu espírito desejasse a solidão e o repouso. Depois de seu regresso do exílio em Estrasburgo, onde sua alma encontrou a consternação frente à possibilidade de assumir os desejos de seu ego, acabou mais uma vez consentindo em assumir a tarefa para a qual foi estimulado e constantemente convidado pelos seus amigos: o pastorado entre os refugiados ingleses. Ao consentir com o juízo dos seus amigos, concluiu: “Esta é a vontade de Deus”.³⁹⁴

Quando Calvino volta a Genebra, sua primeira pregação consiste na continuação do último tema que ele pregou: age como se nunca tivesse saído da cidade e retoma a pregação de 1538. Volta com muito mais prestígio e força política, que utiliza para a reorganização da Igreja.

Segundo Calvino, o consistório devia ter o poder de citar, interrogar, sancionar – e até excomungar – os membros da comunidade que considerava haver cometido infrações contra a doutrina ou a moral. O conselho da cidade rechaçou esta idéia porque teme a implementação de tribunais paralelos à sua jurisdição oficial. Depois de algumas reticências, Calvino procurou se impor, primeiro fazendo concessões até que, em 1555, ele conseguiu o que desejava.³⁹⁵

Calvino enfrentou, também, muitas disputas doutrinárias. Era um homem ortodoxo em suas convicções teológicas. Às vezes, era muito intransigente, não podemos negar. Enfrentou muitos embates teológicos com Castellion, Bolsec, Monnet e Jaques Gruet.³⁹⁶

³⁹⁴ Doumergue, *Calvijn als Mensch en Hervormer*, Trad. Helena C. Pos, (Amsterdam, 1931), pp. 10-15.

³⁹⁵ Os conflitos entre Calvino e o Conselho de Genebra foram vários. Foram travados devido à questão do direito da excomunhão, da conformação da vida religiosa aos princípios reformadores, à questão da ceia e sua celebração, à questão do sustento dos pastores de Genebra e o trato com os Libertinos, que desejavam toda sorte de liberdade e poucas obrigações. Ver: BIELÉR, André, op. cit., pp. 192-193.

³⁹⁶ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., pp. 171-178.

Dentre as muitas lutas, debates e processos que o reformador enfrentou, o mais sério e controvertido foi o caso com o espanhol Miguel Serveto³⁹⁷, uma lamentável mancha vermelha em sua folha de trabalho, em Genebra, segundo muitos historiadores. Ultimamente, tem-se escrito demasiadamente sobre o assunto, ora a favor do reformador, ora condenando-o. O próprio Calvino, Beza, Bolsec, Castellion, entre os mais próximos do acontecimento, também escreveram sobre o episódio.³⁹⁸

“A crítica impiedosa não admite atenuantes, olhando como subterfúgios todos os argumentos invocados na defesa do austero reformador”.³⁹⁹ No entanto, mesmo admitindo que tal experiência de Calvino tenha arranhado sua reputação, não podemos deixar de afirmar que, no seu tempo e, em Genebra, ainda faltava um conceito ético-religioso formal acerca da tolerância.⁴⁰⁰

³⁹⁷ SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 54, em uma nota de rodapé traz o seguinte resumo sobre a vida de Serveto: Michel Servet ou Miguel Servetus (1511-1553): “foi um jovem físico espanhol e brilhante estudioso. Descobriu que a doutrina Nicena da Trindade usava termos não-bíblicos e, após estudar a Bíblia e os padres antinicensos, formulou outro ponto de vista, rico em teologia eucarística e batismal. Publicou seus pontos de vista em 1531 (*De trinitatis erroribus libri VI*) e novamente, em 1553, (*Cristianismi restitutio*), o que ocasionou sua execução, como herege, em Genebra. Ele considerava o Espírito uma força e não uma pessoa. Negou a eterna geração do Verbo etc. Era também geógrafo e anatomista e criou que a Bíblia deveria ser estudada em seu contexto histórico. Sua maior contribuição científica foi a descoberta da circulação do sangue nas vias respiratórias. De 1541 a 1553, manteve correspondência secreta com Calvino, que reprovava seu antitrinitarianismo. Um amigo de Calvino denunciou Servet à Inquisição Católica e ele foi preso. Escapou para Genebra, possivelmente contando com o apoio de anticalvinistas. Calvino exigiu seu arrestamento e, como ele não negava sua heresia, o Petit Conseil autorizou sua execução na fogueira em Champel, no dia 27 de outubro de 1553 (Cf. *Westminster dictionary of Church history*, p. 763; Oxford Dictionary, p. 1263).

³⁹⁸ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 179. Lessa ainda afirma que os historiadores Philip Schaff, Wylie, Hagenbach, além de outros, podem ser consultados com proveito. Podemos citar ainda Augusto Dide, pastor, que se tornou livre pensador e escreveu uma apologia de Serveto, contendo um forte ataque a Calvino. Entretanto, um dos principais historiadores que escreveram sobre o assunto chama-se Henry Tollin, pastor da Igreja francesa, em Magdeburgo. Michelet, Voltaire e Rousseau foram contundentes contra Calvino. (Ver o escritor Valentine Zuber, professor de *l'École Pratique des Hautes Études*. Vol. I. 2004, p. 656).

³⁹⁹ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 180.

⁴⁰⁰ SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., pp. 53,54.

A polêmica sobre Miguel Servetus é a mais importante que se levanta sobre o ministério de Calvino, em Genebra, no que diz respeito à compreensão de sua ética e da sua concepção prática de liberdade. Algumas publicações afirmam que Calvino, apoiado pelo Conselho da cidade, aprovou a morte de um adversário incômodo e que teria demonstrado, neste ato, sua crueldade e rigidez.⁴⁰¹ Seria muito simplista pensar assim e por isto mesmo analisaremos este conflito com mais detalhes.

Miguel Servetus nasceu em Aragão, em 1511. Em 1531, na Basileia e em Estrasburgo, enfrentou os Reformadores acerca da pergunta se a Palavra de Deus se escreve através de mãos humanas. Também teve conflitos com as autoridades por discordar das perseguições às pessoas tidas por hereges. Publicou, ao mesmo tempo, escritos contra a doutrina tradicional da Trindade. Nestes, afirma que a Trindade é uma incompreensão, já que a Escritura apresenta um Deus criador, e o Filho e o Espírito Santo seriam meras expressões da ação divina, porém não seriam Deus (monarquianismo).

Os escritos de Servetus criaram muitos conflitos e o Conselho de Estrasburgo proibiu sua venda. Servetus foi até Paris estudar Medicina e foi, nesta época, que chamou a atenção de Calvino. Depois que trabalhou um tempo como corretor em Lyon, assumiu o cargo de médico do arcebispo de Vienne, na província francesa La Dauphine. Neste tempo, Servetus descobriu a circulação de sangue nos pulmões, assunto que o faz conhecido na história da medicina.

⁴⁰¹ “Outro grande problema que Calvino teve de enfrentar, nesta época, foi o caso de Miguel de Serveto. Este apareceu, em Genebra, afirmando que as Escrituras Sagradas nada falavam sobre o Dogma da Trindade. Serveto insistia, ainda, que Jesus não era o Filho de Deus, que não passava de um homem. Em Genebra, essa pregação representava um grande perigo para a Igreja florescente; logo o Conselho da Igreja tomou as providências de prendê-lo. Uma vez preso, ele foi levado a julgamento, pois as leis da época o exigiam; mas é bom deixar claro que o poder de sentenciar Serveto não estava nas mãos de Calvino, e, sim, do Conselho de Genebra, o Pequeno Conselho. Contudo, o grande reformador nada fez para impedir a condenação de Miguel de Serveto. Este, depois de um processo sumário, foi condenado e, em 27 de outubro de 1553, com seus livros amarrados entre os braços, inclusive suas Restitutas, livro onde expunha sua teologia divergente, Serveto foi queimado na colina de Champel. Esse episódio tem sido utilizado pelos inimigos de Calvino para denegrir a sua obra. Entretanto, é bom lembrar que a condenação daqueles que a Igreja considerava hereges era uma prática da época iniciada, implantada e validada pela Igreja Católica Romana, que não só a aprovava, como a utilizava sistematicamente na condenação de protestantes e das mulheres acusadas de bruxarias.” GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes, p. 4.

O que não podemos esquecer é que, sob a pena inquisitorial de Vienne, Serveto já tinha sido condenado às chamas, em 17 de junho de 1551, antes da tomada de decisão de Genebra, que ocorreu, em 27 de outubro de 1553. Lessa afirma que “as atas do processo de Vienne foram publicadas pelo abade D’Artigny, em 1749; e as do processo de Genebra por A Rilliet, em 1844”.⁴⁰² Outro fato importante, que temos que levar em consideração, é a tentativa de julgar Calvino à luz do nosso tempo, esquecendo-nos que o contexto no qual Calvino vivia ainda estava enebriado de práticas medievais.⁴⁰³ Também os que tentam condená-lo são, via de regra, antitrinitários, livres pensadores e céticos. Lessa faz a seguinte diferença entre os dois, ao afirmar que:

Calvino era o construtor, o sistematizador das doutrinas da Reforma, o campeão da ortodoxia, o continuador de Agostinho e de Paulo, o novo Atanásio, na questão trinitária, o baluarte da fé. Serveto supunha-se um reformador de vistas mais largas, propondo o seu *Christianismi Restitutio*.⁴⁰⁴

Calvino foi o homem que deu à Reforma todo um caráter acentuadamente positivo, organizando, de fato, um sistema de doutrinas, fruto de genialidade.⁴⁰⁵ Sua relevância não está em sua originalidade, mas em sua capacidade de sistematizar as doutrinas cardeais da fé cristã, tendo como ponto de partida as Escrituras Sagradas e o conceito sobre a soberania de Deus.⁴⁰⁶ Significa dizer que o protestantismo não veio a se tornar um mero negativismo da vida humana. Ao contrário, foi uma grande afirmação do primitivo cristianismo.⁴⁰⁷

⁴⁰² LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 180.

⁴⁰³ GOUVÊA, Ricardo Quadros. **A Importância de João Calvino na Teologia e no Pensamento Cristão**. Em **O Pensamento de João Calvino**. São Paulo: Ed. Mackenzie. 2000, p. 117.

⁴⁰⁴ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 181.

⁴⁰⁵ MARTINA, Giacomo, op. cit., p. 149.

⁴⁰⁶ GOUVÊA, Ricardo Quadros, op. cit., pp. 115,116.

⁴⁰⁷ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 182.

Depois de condenações em outros lugares, as Igrejas e os magistrados civis condenaram Serveto e lançaram sobre o reformador de Genebra grande prestígio e respeito. Agora só faltava a palavra de Genebra. O Conselho, então, no fatídico, dia 26 de outubro de 1553, lançou a sentença final – Serveto condenado às chamas. Lessa afirma que “Calvino e seus amigos pleitearam pela mitigação do suplício – a espada em lugar da fogueira – mas nada obtiveram”.⁴⁰⁸ Interessante notar que a essa altura, Guilherme Farel foi destacado para acompanhá-lo até Champel, o lugar do cumprimento da sentença. Farel tentou persuadi-lo de seus erros a fim de que pedisse o perdão de Deus. Farel ainda conseguiu um encontro entre Serveto e Calvino, que foi acompanhado de dois membros do Conselho. Seguiu-se o pedido de desculpas pelas ofensas pessoais, por parte de Serveto, que ouviu de Calvino não guardar nenhum ressentimento. O reformador procurou mostrar-lhe que, desde o primeiro encontro entre os dois, em 1534, tentou dissuadi-lo de seus graves erros teológicos. No dia seguinte, deu-se o ato final de morte.

De alguma forma, tal desfecho serviu para manchar o brilho do grande e forte reformador. Calvino ainda lançou sua defesa, que trazia o apoio dos pastores de Genebra, sobre o título, em latim, *de fidelis expositio errorum Michoelis Serveti et brevis eorundem refutatio ou, em francês, de declaration pour maintenir la vraye foy*. Lamentavelmente, temos que admitir que nem Calvino e o seu tempo nada podiam fazer de melhor. Protestantes ainda repetiam os horrores da Inquisição. Apesar disso, Calvino ainda é considerado um dos grandes arautos da liberdade moderna.⁴⁰⁹ Lessa diz ainda que “a responsabilidade de Calvino é somente moral pela sua acusação veemente contra os erros teológicos do seu opositor. Não lhe cabe nenhuma responsabilidade judicial”.⁴¹⁰

Caminhando para o fim da referência a esse triste episódio, podemos admitir lições para o cristianismo em geral e, sendo assim, citar as palavras do moderno autor C. H. Irwin, em sua obra *John Calvin – The man and his work*, que pode ajudar-nos um pouco:

⁴⁰⁸ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 206.

⁴⁰⁹ GOUVÊA, Ricardo Quadros, op. cit., p. 118. Gouvêa afirma: “Calvino era um homem de sentimentos profundos e de grande misericórdia. Suas cartas o provam; sua perseverança em Genebra o prova [...]”.

⁴¹⁰ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 201.

Dizer, pois, que Calvino queimou Serveto é, pelo menos, exprimir meia verdade. Calvino não foi o único autor. Era um entre muitos. Como representante da opinião protestante, agiu em capacidade pública. Que Serveto merecia a morte era a opinião geral da época, e não um fato peculiar a Calvino. Coleridge afirma que a morte de Serveto não era culpa especialmente de Calvino, mas o opróbrio comum do Cristianismo europeu. Quanto à fogueira propriamente, Calvino fez oposição, advogando o cutelo como um gênero de morte mais rápido e mais misericordioso.⁴¹¹

Por fim, não podemos deixar de registrar a iniciativa do Protestantismo moderno de erguer um monumento expiatório em Genebra, exatamente “trezentos e cinquenta anos depois do holocausto de Champel”,⁴¹² em que “numa das faces do monumento, vem o registro do nascimento e morte de Miguel Serveto”.⁴¹³ Do outro lado, lemos a seguinte inscrição:

Filhos respeitosos e reconhecidos de Calvino, nosso grande reformador, condenando, porém, um erro que foi o do seu século, e firmemente ligados à liberdade de consciência conforme os verdadeiros princípios da Reforma e do Evangelho, elevamos este monumento expiatório aos XXVII de outubro de MCMIII.⁴¹⁴

Este é o espírito do cristianismo, poder dizer *peccavimus*. De Genebra, a influência de Calvino chegou a Holanda, Inglaterra, Alemanha, Suécia, Dinamarca, França, sua pátria, sem falar em outros países.⁴¹⁵

⁴¹¹ IRWIN, C. H. *John Calvin – The man and his work*. Indianápolis, 1976, p. 169.

⁴¹² LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 212.

⁴¹³ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 212.

⁴¹⁴ LESSA, Vicente Temudo, op. cit. p. 212.

⁴¹⁵ GONZALEZ, Justo L., op. cit., p. 119.

Em 1559, sob a influência do próprio Calvino, foi organizado em Genebra o primeiro Sínodo, tornando a Igreja organizada institucionalmente como Federação de Igrejas. Eram onze Igrejas federadas. Estavam lançadas as bases do sistema calvinista da reforma francesa. Houve uma Confissão de Fé, com quarenta artigos, versando sobre todas as principais doutrinas. Também foi elaborada uma Confissão sobre a disciplina eclesiástica, com quarenta artigos. Tudo tem seu início na Igreja local, sendo que o Consistório regulamentava o culto. Depois vem o que era chamado de Colóquio, ou seja, várias Igrejas, cada uma representada pelo pastor e um presbítero. Seguindo a gradação, vinha o Sínodo Provincial, formado por vários Colóquios. Finalmente, havia o Sínodo Nacional, que atendia às grandes questões eclesiásticas, doutrinárias e teológicas. Todos possuíam seus representantes. Essa estrutura serviu de base para o presbiterianismo. Tal sistema era democrático-representativo. O resultado foi a multiplicação de Igrejas pelo país. De 1555 a 1563, cerca de trezentas novas Igrejas reformadas foram organizadas.

Face ao tamanho crescimento, começaram a surgir os massacres, sendo o primeiro em Vassy. Somente com a ascensão de Henrique IV, de Navarra, e com a promulgação do Edito de Nantes, que a liberdade e a tolerância religiosa foram permitidos. No entanto, aos poucos, as liberdades foram sendo restringidas. Primeiro foi Luiz XIII, em 1629, no edito de Nimes. Depois Luiz XIV, em 1685, terminou por revogar o pouco que restava de liberdade e tolerância. Deu-se, então, um grande processo de emigração dos protestantes do reino com muita perda para a nação. Luiz XV, em 1724, promulgou dezoito artigos duríssimos contra os protestantes. Aprouve à Providência, através de Luiz XVI, estabelecer, em 1787, o Edito de Versailles, reconhecendo o protestantismo como religião legítima.⁴¹⁶

⁴¹⁶ LESSA, Vicente Temudo, op. cit. p. 243.

2.4.4 Os Últimos Anos de Calvino

A coroação dos trabalhos árduos de Calvino, após a organização da cidade e do arrefecimento das disputas doutrinárias, foi a criação da academia de Genebra, inaugurada no dia 5 de junho de 1559.⁴¹⁷ Teodoro Beza foi o seu primeiro reitor. Mais tarde, veio a se tornar uma universidade. Seu início teve três cátedras: grego, hebraico e filosofia. Esta academia se transformou em uma escola de formação de muitos teólogos que se converteram à Reforma e se transformaram, depois, em grandes reformadores em seus países. Não é possível subestimar a importância desta instituição.⁴¹⁸ Por exemplo: John Knox, da Escócia, é um dos estudantes em Genebra e com ele muitos de outros países.⁴¹⁹ A academia é o ponto culminante da obra de Calvino: aqui, a interpretação bíblica – a motivação calvinista central – ganha um espaço e manifesta singular organização.⁴²⁰

No mesmo ano, foi publicada a versão final das *Institutas*. A esta altura, este consistia num manual importante, composto de quatro volumes e 24 capítulos, pertencente ao grupo de grandes obras dogmáticas da teologia evangélica.⁴²¹

⁴¹⁷ GONZALEZ, Justo L., op. cit., p. 117.

⁴¹⁸ Cf. O excelente artigo de W. Stanford Reid, “Calvino e a Fundação da Academia de Genebra,” *Westminster Theol. Jour.*, XVIII (1955), pp. 1-35.

⁴¹⁹ Carlos Barro falando sobre a visão missionária de Calvino e seus ideais para com a Universidade de Genebra disse (BARRO, 1998, p.44): “A Idéia de Calvino era de que, quando propriamente treinados, os estudantes poderiam voltar a seus próprios países e espalhar o evangelho como missionários. Nesse sentido, ele procurou tornar Genebra um centro missionário para espalhar a Reforma e os seus ensinamentos por toda a Europa e outras partes do mundo”. BARRO, Antônio Carlos. In Revista Fides Reformata. Nº 1 Volume III: São Paulo (SP): Seminário Presbiteriano Revendo José Manoel da Conceição, janeiro a junho de 1998, pp. 38-49.

⁴²⁰ A “Academia de Genebra” foi fundada em 05/06/1559. A necessidade de pastores e obreiros era gritante! O próprio Calvino, numa de suas cartas, desabafa essa triste realidade, dizendo que “em todas as partes da França, os irmãos estão implorando a nossa assistência”. Antônio Carlos Barros, **A Consciência Missionária de Calvino**. In: *Fides Reformata*, vol. III, no. 1, 1998, p. 43

⁴²¹ Quando João Calvino começou a escrever a primeira edição das *Institutas da Religião Cristã*, em 1535, com a idade de 27 anos, sua intenção era servir grandemente aos interesses protestantes, mas sua influência deve ter excedido em muito a sua expectativa. Provou ser o trabalho mais influente da Reforma Protestante. Os protestantes de outros países viram, em Calvino, e em sua obra, um pilar de grande força para a obra iniciada, pois que era um teólogo do mais alto grau, enquanto que os romanistas temeram sua caneta como um dos inimigos mais fortes. Certo escritor católico teve que dizer o seguinte a respeito das *Institutas*: “É o Alcorão, o Talmud da heresia, a causa principal de nossa queda [...] o arsenal comum do qual os oponentes da velha Igreja obtiveram emprestado as armas mais agudas. Nenhum escrito da era da reforma é mais temido pelos católicos romanos, e mais zelosa e hostilmente combatido, que as “Institutas” de João Calvino”.

Devido ao excesso de trabalho durante toda a sua vida, Calvino, que havia passado por muitas enfermidades, ficou debilitado.⁴²² Em 2 de fevereiro de 1564, enunciou sua última conferência na academia e, em 6 de fevereiro, pregou o seu último sermão.⁴²³ Em 27 de maio de 1564, Calvino morreu em Genebra. Um dia depois, foi sepultado sem nenhuma pretensão, como ele mesmo havia pedido.⁴²⁴ Por isto, ninguém, nos dias atuais, sabe com precisão onde estão os restos do reformador.

Foram vinte e cinco anos de extensa dedicação à causa do Evangelho. De 1536 a 1538, encorajado por Farel e convidado insistentemente pelo Conselho da cidade, passou ali mais vinte e três anos, de 1541 até 27 de maio de 1564, dia em que o Eterno e Soberano Senhor o chamou à sua presença.

⁴²² OC 9.891-4. As notas 130 e 131 do artigo *João Calvino: O Humanismo Subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento*. In: Fides Reformata 4/2 (1999) de Hermisten Maia Pereira da Costa, são dignas de registro: No dia 08/02/1564, escreveria a médicos de Montpellier, agradecendo os remédios e a gentil atenção. Nesta carta, ele descreve suas enfermidades: artrite, pedras nos rins, hemorróides (que o impediam de cavalgar), febre, nefrite, indigestão, cólicas, úlceras, emissão de sangue por via urinária. (Ver João Calvino. *To the Physicians of Montpellier, "Letters"*, John Calvin Collection, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), número 665. Teodoro Beza. *"Life of John Calvin"*, John Calvin Collection, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), 50 e 52. Ver também Philip Schaff. *History of the Christian Church*. Vol. VIII, 820,821. Os últimos momentos de Calvino foram testemunhados por seus pares, que afirmam: "Estes são os eventos principais na vida e morte de Calvino que eu mesmo testemunhei durante os últimos dezesseis anos. Eu penso que estou qualificado para declarar que nele foi exibido diante de todos os homens um dos mais belos e ilustres exemplos de vida piedosa e morte triunfante de um verdadeiro cristão; que será fácil pela malevolência caluniar, como será difícil devido a sua exaltada virtude imitar". [Teodoro Beza, *"Life of John Calvin"*, John Calvin Collection, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), 65. Outra tradução: Teodoro Beza, *Life of John Calvin: em Tracts and Treatises on the Reformation of the Church, Vol. I, cxxxviii*. Cf. Philip Schaff, *History of the Christian Church, Vol. VIII, 272*].

⁴²³ Philip Hughes nos conta que não foi muito antes que Calvino foi compelido "pelas circunstâncias da controvérsia na cidade [...] a adicionar aos seus compromissos de ensino a responsabilidade da pregação pública". Philip E. Hughes, ed., introdução ao *The Register of the Company of Pastors of Geneva in the Time of Calvin* (Grand Rapids, MI, William B. Eerdmans Publishing Co.), p. 5.

⁴²⁴ Calvino compreendia que a glória deveria ser tributada apenas a Deus, e que por melhor que fosse o ser humano, não era digno de honrarias. Pensa assim porque entende que "a condição do homem com relação a Deus é de total depravação, havendo uma tremenda *"discrepância entre a nossa sordidez e a suprema pureza de Deus."* *Institutas*, livro II, p. 230.

O grande e amável amigo Farel lhe faz a última visita, já aos setenta e cinco anos. Seu biógrafo Theodoro Beza ali esteve até o momento final. Realizou grande esforço para falar suas últimas palavras aos pastores de Genebra, palavras de despedida.⁴²⁵ Em seu *Discours d'adieu aux ministres*, Calvino afirmou que tinha sido apenas um “*pobre e tímido acadêmico*”,⁴²⁶ vocacionado por Deus para o serviço do seu Reino.⁴²⁷

Logo depois de sua morte, Beza escreveu:

Assim esta luz esplêndida da Reforma foi levada de nós com o pôr-do-sol. Durante aquela noite, e no dia seguinte, houve grande lamentação por toda a cidade; para a República a tristeza da perda de um de seus cidadãos mais sábios; a Igreja lamentou a morte de seu pastor fiel; a Academia se entristeceu por se ver privada de um professor incomparável, e todos se afligiram pela perda daquele que foi, sob Deus, o pai e confortador de todos.⁴²⁸

⁴²⁵ OC 9.891-4. As notas 130 e 131 do artigo *João Calvino: O Humanismo Subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento*. In: Fides Reformata 4/2 (1999) de Hermisten Maia Pereira da Costa, são dignas de registro: No dia 08/02/1564, escreveria a médicos de Montpellier, agradecendo os remédios e a gentil atenção. Nesta carta ele descreve suas enfermidades: artrite, pedras nos rins, hemorróides (que o impediam de cavalgar), febre, nefrite, indigestão, cólicas, úlceras, emissão de sangue por via urinária. (Ver João Calvino. *To the Physicians of Montpellier*, “Letters”, John Calvin Collection, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), número 665. Theodoro Beza. “*Life of John Calvin*”, John Calvin Collection, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), pp. 50,52. Ver também Philip Schaff. *History of the Christian Church*. Vol. VIII, pp. 820,821.

⁴²⁶ MCGRATH, Alister, op. cit., p. 223.

⁴²⁷ OC 9.892: “[...] un pauvre escolier timide comme ie suis, et comme ie l’ay tousiours esté [...]”.

⁴²⁸ BEZA, Theodoro. Life of John Calvin: em Tracts and Treatises on the Reformation of the Church, CXXXIV e, em outra tradução: Teodoro Beza, *Life of John Calvin*, p. 63, em John Calvin Collection (The AGES Digital Library, 1998). Cf. J. T. McNeill. *The History and Character of Calvinism*, p. 227. Ver também Hermisten Maia Pereira da Costa. *João Calvino: O Humanismo Subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento*. In: Fides Reformata 4/2 (1999), p. 14.

O agora cidadão genebrino não soube o significado da palavra descanso. 1564 foi o ano do “*nascimento de Shakespeare e de Galileu, e da morte de Miguel Ângelo*”.⁴²⁹ Genebra perdia o sábio cidadão, a Igreja o seu pastor fiel, a Academia seu mestre, a Europa o semeador da liberdade. Homem de cuja teologia enaltecia o soberano Deus e expunha as fraquezas humanas ante a maravilhosa graça de Jesus Cristo. Seus parques bens foram deixados, por testamento, para seu irmão Antonio Calvino e seus sobrinhos, deixando ainda uma pequena quantia ao caixa dos estudantes necessitados e outra para os carentes estrangeiros.⁴³⁰

Calvino despertava, e ainda desperta, mais respeito e admiração do que propriamente afeto e carinho. Segundo Silvestre, “Calvino merece um retrato *en mouvement*, no qual não é ditador nem fundamentalista.”⁴³¹ Doumergue o classifica como um dos homens mais prodigiosos e ativos de todos os tempos, que trabalhava incessantemente em favor da vida.⁴³²

O grande historiador Schaff diz que,

Aqueles que julgam de seu caráter e conduta, diz ele, pelo caso de Serveto, e de sua teologia pelo *Decretum horribile* – vêem as manchas do sol, mas não o próprio sol. Levando em conta todas as suas falhas, deve ser julgado como um dos maiores e melhores homens que Deus fez aparecer na história do Cristianismo.⁴³³

Ricardo Gouvêa, comentando sobre a genialidade e a luta do reformador pela dignidade humana diante de Deus, de si e do seu semelhante, diz que “Calvino foi um patrono dos direitos humanos”.⁴³⁴ Um monumento foi erguido em sua homenagem, nas comemorações dos 300 anos da Reforma de Genebra, em 1835, que dizia, entre outras coisas: “Alquebrado no corpo, poderoso no espírito, vencedor pela fé, o Reformador da Igreja, o Pastor e Protetor de Genebra.”⁴³⁵

⁴²⁹ LESSA, Vicente Temudo, op. cit., p. 262.

⁴³⁰ GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Reformadores**. Vol. VI. São Paulo. Ed. Vida Nova, p. 117.

⁴³¹ SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 80

⁴³² Há muitas obras de Doumergue, das quais podemos citar: *Jean Calvin, les hommes et les choses de son temp* (1889-1927); *La Genève calviniste* e *The Christian Institutes of Calvin and the Confession of Faith of la Rochele* (1896).

⁴³³ SCHAFF, Phillip. **The Swiss Reformation**, op. cit., p. 834.

⁴³⁴ GOUVÊA, Ricardo Quadros, op. cit., pp. 118.

O teólogo Hermisten Maia Pereira da Costa, em seu artigo *João Calvino: O Humanismo Subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento*, cita um dos grandes historiadores franceses, o católico Ernest Renan (1823-1892), que, em seus *Études d'Histoire Religieuse*, faz o seguinte comentário acerca de Calvino:

Era Calvino um daqueles homens absolutos que parecem ter sido vazados de um só jato num molde, e que se estudam por meio de um simples olhar. Uma carta, um gesto é bastante para se formar dele um juízo [...]. Não dava importância a riquezas, nem a títulos, nem a honras; indiferente às pompas, modesto no viver, aparentemente humilde, tudo sacrificava ao desejo de tornar os outros iguais a si. Excetuando Inácio de Loyola, não conheço outro homem que pudesse rivalizar com ele nestes raros predicados. É surpreendente como um homem, cuja vida e cujos escritos atraem tão pouco as nossas simpatias, tornasse-se o centro de um tão grande movimento e que suas palavras tão ásperas, sua elocução tão severa, pudessem ter uma tão espantosa influência sobre os espíritos de seus contemporâneos. Como se pode explicar, por exemplo, que uma das mulheres mais distintas de seu tempo, Renata de França, que, no seu palácio de Ferrara, via-se cercada dos mais brilhantes talentos da Europa, se deixasse cativar por aquele severo doutrinador, enveredando-se, por sua influência, numa senda que tão espilhosa lhe deveria ter sido?

Semelhantes vitórias só podem ser alcançadas por aqueles que trabalham com sincera convicção. Sem manifestar aquele ardente desejo de procurar o bem dos outros, que foi o que assegurou a Lutero o bom êxito de seus trabalhos, sem possuir o encanto, a perigosa, posto que lânguida doçura de S. Francisco de Sales, Calvino saiu vitorioso, numa época e num país em que tudo anunciava uma reação contra o cristianismo, e isso simplesmente por ser o maior cristão do seu século.⁴³⁶

⁴³⁵ SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church*. Vol. VIII, 825. In: Hermisten Maia Pereira da Costa. *João Calvino: O Humanismo Subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento*. In: Fides Reformata 4/2 (1999), p. 15.

⁴³⁶ RENAN, Ernest. *Études d'Histoire Religieuse*. (Paris, 1880). 7ª edição, p. 342. Apud Phillip Schaff. *History of the Christian Church*. Vol. VIII, pp. 279,280. In: COSTA, Hermisten Maia Pereira, In: Fides Reformata 4/2 (1999), p. 01.

2.4.5 Beza, o Sucessor e Biógrafo de Calvino

Depois da morte de Calvino, Teodoro Beza foi eleito seu sucessor como moderador dos pastores de Genebra. Beza nasceu, em 1519, na Borgonha. Seu pai era o governador Real em Vezelay, sua mãe era conhecida pela sua generosidade e seu tio, Nicholas, estava no parlamento Francês. Nicholas o convidou para estudar em Paris e, antes de se dirigir para lá, estudou aos pés de Melchoir Wolmar, na Alemanha e, posteriormente, em Bourges, tendo concluído seu curso de Direito em Orleans, em 1539.⁴³⁷

Após sua graduação, seguiu para Paris, sendo-lhe prometida a sucessão no escritório de seu tio Nicholas, onde recebia 700 coroas douradas que eram mais do que suficientes para o seu sustento. Depois de 2 anos em Paris, ele adoeceu mortalmente, quando, então, veio a perceber suas necessidades espirituais, o que resultou na sua conversão. Antes de se recuperar totalmente, tomou os seus pertences e se dirigiu para Genebra, pois, havendo renunciado à fé católico-romana, era o local mais seguro de se estabelecer. Por causa de sua conversão, foram tomadas todas as suas regalias, inclusive o sustento conseguido pela sua família, mas mesmo assim, ele estava disposto a abandonar tudo e aprender mais sobre a fé protestante.

Originalmente professor jurista, passou dez anos lecionando Grego na academia de Lausanne, na Suíça. Em 1558, foi para Genebra. Um ano depois, tornou-se diretor da academia da cidade.⁴³⁸

Calvino, que se encontrava em Genebra, e que já o conhecia desde os tempos em que estudou com Wolmar, o recebeu de braços abertos. Em 1558, ocupou a primeira cadeira de Grego na Academia de Genebra. Já em seus primeiros anos em Genebra, Beza tornou-se consultor teológico da Igreja francesa, dialogando com as autoridades políticas dos huguenotes no contexto das guerras da religião.

⁴³⁷ CARTER, Lindberg. *As Reformas na Europa*, p. 325.

⁴³⁸ Em 1558, Beza aceitou uma oferta de Calvino para lecionar na recém fundada academia em Genebra. Ver: Gonzalez, Justo L., *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé*, p. 110.

Após a morte de Calvino, assumiu a cadeira de Teologia como sucessor de Calvino. Beza foi o responsável por solidificar, através da academia de Genebra, os princípios Reformados na cidade, além de proporcionar a expansão das idéias reformadas na Europa, especialmente nos Países Baixos.

Depois de 1564, Beza manteve estreito contato com as comunidades francesas. Ao participar do concílio, ele foi eleito presidente do sínodo de La Rochelle. Beza é considerado o sucessor de Calvino, em Genebra, porém não apresenta literal continuidade com o pensamento ou metodologia do seu antecessor: suas raízes estão na filosofia aristotélica e, por isso, ele trata de sistematizar as teses particulares da sua obra teológica (principalmente a doutrina da predestinação e a compreensão acerca da eucaristia).

Outra característica do seu trabalho é a ênfase no NT e sua dedicação à ciência bíblica. Sua edição do NT, contendo o texto que ele mesmo descobriu, foi reimpressa mais de 150 vezes até 1965.

A influência de Beza nos estudos da Escritura, faz-se através de um viés acadêmico, e não propriamente pastoral ou apologético,⁴³⁹ o que influenciou uma geração inteira de estudantes e foi o princípio do fortalecimento das concepções reformadas em Genebra. Porém, doutrinas como a da *inspiratio verbi*,⁴⁴⁰ da infalibilidade e inerrância⁴⁴¹ e da *lectio continuae regulatoris*⁴⁴² foram as bases das rupturas socinianas⁴⁴³ e, conseqüente, arrefecimento da fé reformada na França.

⁴³⁹ Ao contrário de Calvino, que era um expositor da Escritura, e que comentava os textos objetivando a pregação, Beza inseriu o estudo acadêmico do Antigo Testamento e do Novo Testamento, sendo precursor da teologia bíblica moderna. Ver: MURDOCH, Ralph, *Interesting of Scriptures Studies?*, New York: New Harper, 1998. p.57.

⁴⁴⁰ A concepção do “ditado verbal da Escritura” não é um legado de Calvino, mas dos seus sucessores, sob a influência de Beza. Jean Astruc e Pierre Bordieu, ao apresentarem suas críticas a Calvino neste ponto, estão na realidade apontando desvios no calvinismo, e a literalidade foi defendida por autores calvinistas como Turrentino e W. Ames, como sendo um princípio extraído de Calvino. Ver: COURTHIAL, Pierre, **Idade de Ouro do Calvinismo na França** (Em: Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental), pp. 88-110.

⁴⁴¹ As doutrinas mencionadas foram adotadas por Calvino, mas o foco de Calvino, posto na ação do Espírito, foi substituído pela idéia nominalista de que a Escritura por si mesma pode culminar em ensino da “correta e santa doutrina”. *Institutas*, livro I, 10,2.

⁴⁴² A “*lectio continua*”, adotada por Calvino no seu ministério, em Genebra, foi confirmada por Beza, que, ao contrário de Calvino, não aceitava a adoção de qualquer lecionário, inclusive aqueles adotados em cidades como Berna e Zurich. Ver: CARTER, Lindberg, **As Reformas na Europa**, p. 318.

⁴⁴³ O socianismo é um movimento fundado sob a influência de Socianus, precursor do Iluminismo. O socianismo adota o pelagianismo, ou seja, a razão, que não está totalmente corrompida, pode compreender as verdades sobre Deus, e operar a salvação. Ver: GONZALES, Justo L., **Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé**, p. 589.

Além da tradução da Bíblia, Beza contribuiu de forma grandiosa para o progresso da fé protestante com a publicação de sua Confissão de Fé, que inicialmente fora produzida no intuito de conquistar seu pai à fé. Tal confissão foi utilizada em larga escala, na época, para promover o conhecimento evangélico aos seus compatriotas, sendo editada e dedicada a Wolmar. Esta confissão foi considerada a maior das contribuições de Beza para a fé protestante, sendo respeitada tanto pelos amigos como pelos inimigos, como uma obra de grande relevância, principalmente nas questões relacionadas ao sacramento da Ceia.

Teodoro Beza morreu aos 86 anos, em 13 de outubro de 1605. Ele não foi enterrado ao lado de Calvino, porque os seus opositores tinham ameaçado roubar o seu corpo. O efeito de seus trabalhos foi de grande significado. Embora não tenha sido reconhecido por ter desenvolvido algum pensamento novo, seus trabalhos são tidos como de grande valia, ainda hoje, por manifestarem esta tônica de desenvolvimento e simplificação da fé calvinista, porém com um *tônus* na doutrina da Graça Irresistível.

2.4.6 As Obras de João Calvino

Segundo seu primeiro biógrafo, Theodoro Beza, Calvino nasceu para escrever.⁴⁴⁴ Sempre esteve às voltas com a pena, fazendo dela uma arma poderosa, capaz de enfrentar as mais acirradas lutas dos grandes resistentes à Reforma e as mais absurdas heresias, bem como sistematizar a riqueza da teologia e influenciar sua cidade, seu país e a Europa do seu tempo, o Ocidente e até mesmo o mundo. Dominou como poucos as duas línguas que utilizou o latim e o francês, podendo ser considerado um grande clássico. Não há nenhuma dúvida de que Calvino revelou, em seus escritos, a grande influência recebida de Santo Agostinho e Bernardo.⁴⁴⁵

⁴⁴⁴ FERREIRA, Wilson Castro, op. cit., p. 140.

⁴⁴⁵ Ver LANE, A. N.: “*Calvin’s Use of the Fathers and the Medievals*”, in Calvin Theological Journal, 16, 1981, pp. 14 9-205; e “*Calvin’s Sources of St Bernard*”, in Archiv für Reformationsgeschichte, 67, 1967, pp. 253ss.

O reformador assume as Escrituras como o ponto de partida de sua teologia. Para Calvino, o AT e NT falam do mesmo Deus. Por isto, não é possível estabelecer uma diferença essencial entre as partes da Bíblia. Assim, as profecias do AT são realidades no NT. No AT, se vislumbra o Evangelho. O NT apresenta luz própria. As similaridades são numerosas, sem negar as diferenças. Porque é a mesma aliança de Deus com os homens que se manifesta em toda a Bíblia. Por esta razão, a Lei tem sua serventia para que o ser humano reconheça seus pecados (como em Lutero); e seu objetivo fundamental está em orientar a vida do crente segundo os mandamentos de Deus.⁴⁴⁶ É certo que com os mandamentos se reconhece a pecaminosidade humana, porém este fato não suspende o seu verdadeiro sentido, que é mostrar a maravilhosa vontade de Deus.⁴⁴⁷

No entanto, mesmo com tamanha inteligência, conseguia alcançar os intelectuais e os humildes do povo. Como bem testemunhou Warfield:

O que vemos em Calvino fundamentalmente é o homem de letras, como santo: ele nunca visava, para si, nada, ele nunca desejava, para si, em toda a sua vida, ele nunca aderiu inteiramente a qualquer outra vocação. Ele era por natureza, por dons, por educação – por inata predileção, por qualidades adquiridas igualmente – um homem de letras. E ele fervorosamente – podemos dizer – aproximadamente, como tal, desejou dedicar-se a Deus.⁴⁴⁸

⁴⁴⁶ Afirma Calvino: "A terceira aplicação da Lei é a mais importante porque se refere a seu objetivo final: se realiza em todos os fiéis, em cujos corações o Espírito de Deus domina. Eles têm a Lei escrita, incluída e esculpida em seus corações pelo dedo de Deus, o que significa que são orientados pelo Espírito a terem uma disposição mental interior que os leva a, de bom grado, se submeterem. Sem dúvida, é possível tirar um duplo proveito da Lei. Primeiro: é o melhor instrumento que nos ensina dia a dia qual é a vontade de Deus que buscamos cumprir, pois nos afirma tal conhecimento. Por mais que um servo anele de todo o coração cumprir as expectativas do seu amo, sempre tenderá a necessidade de explorar e observar a particularidade de seu patrão. O mesmo vale para os fiéis. Nada pode se libertar desta necessidade, porque nada há de mais profundo ou sábio que o puro conhecimento da vontade de Deus, através da educação diária na Lei. Segundo: não necessitamos somente que alguém ensine, mas que também admoeste. Este é outro proveito que o servo tem através da Lei. Sua observação constante reforça nossa obediência e salva do perigoso caminho do pecado e da desobediência. Os santos necessitam sem dúvida de ajuda e estímulo, porque ainda que seu espírito deseje buscar a justiça de Deus, as debilidades da carne pesam sobre eles, e não vão por caminhos com a necessária e alegre disposição." Parágrafo citado das *Institutas* II, 7,12.

⁴⁴⁷ "Pela lei Deus exige o que lhe é devido, todavia não concede nenhum poder para cumpri-la. Entretanto, por meio do Evangelho os homens são regenerados e reconciliados com Deus através da graciosa remissão de seus pecados, de modo que ele é o ministério da justiça e da vida." Segundo Coríntios, (2 Co 3.7), p. 70.

⁴⁴⁸ WARFIELD. Calvin and Augustine, Baker Book House Distributer Grand Rapids, 1956, p. 5.

Sem dúvida, além de ser um profundo conhecedor da teologia, Calvino também foi comentarista da Escritura, fazendo seus comentários a partir das línguas originais.⁴⁴⁹ Warfield afirma que a importância dos comentários bíblicos de Calvino é porque são análogos à sua teologia, uma vez que a sua teologia consiste numa exposição coerente com a própria Bíblia. Ele também afirma que,

[...] é um marco da época em que a história da doutrina da Trindade, por exemplo, era compreendida mais comumente com elementos de subordinacionismo, mas a aplicação da Escritura por Calvino contribuiu para esclarecer mais adequadamente a doutrina quanto à profundidade da co-igualdade das Pessoas.⁴⁵⁰

Embora já tenhamos citado e comentado, ainda que laconicamente, sobre algumas das obras de Calvino, ele, na verdade, escreveu aproximadamente 96 obras. Sua influência, através de suas penas e postulados doutrinários, fundamentados nas Escrituras e nos grandes pais da Igreja, estendeu-se por muitos países. Apesar de sua frágil saúde, com inúmeros afazeres, exercendo diferentes ofícios, tais como pastor, professor, estadista etc., sua obra é, de fato, espantosa, em qualidades literária e teológica, clareza e profundidade.

Em quase todas as obras, ele a dedicava a reis, príncipes de várias nações, nobres, amigos pessoais. Phillip Schaff diz que “ele (Calvino) foi o habilidoso exegeta entre os reformadores e seus comentários estão entre os melhores do passado e do presente”.⁴⁵¹ Karl Barth diz ainda o seguinte: “[...] eu poderia feliz e proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino”.⁴⁵²

⁴⁴⁹ Por entender ser a Bíblia o registro inerrante da Palavra de Deus, e que não é possível conhecer a Deus sem a Palavra, Calvino se lança a comentar a Escritura e o faz segundo um programa que consiste em preservar “a unidade que se processa à par da Palavra do Senhor” (*Institutas*, livro IV, 2.5).

⁴⁵⁰ Ainda que este juízo seja verdadeiro, não obstante, isto não quer dizer que Calvino não tenha sido influenciado por Lutero através de Bucer, sendo estas concepções calvinistas avivadas através da leitura de Agostinho. Ainda que Calvino seja crítico da prolixidade de Agostinho, ele cita este com mais frequência que todos os outros Pais da Igreja. Calvino, em sua leitura teológica, apresenta-se mais dependente das Escrituras que outros teólogos Reformados da época, e a clareza e incisão do seu pensamento, bem como as aplicações práticas para a vida total e de fervor e afeto são decorrentes desta leitura da Escritura. Por isto, Calvino é chamado teólogo do coração (Warfield, op. cit., p. 23).

⁴⁵¹ SCHAFF, Phillip. *History of the Christian Church*. Vol. VIII, p. 261.

⁴⁵² BARTH, Karl. *Revolutionary Theology in the Making*, p. 101. Apud Timothy George, op. cit. p. 163.

Segundo Ricardo Gouvêa, Calvino foi um dos maiores exegetas do seu tempo e ainda hoje permanece praticamente insuperável.⁴⁵³ De seus estudos resultou um novo paradigma hermenêutico para o protestantismo subsequente, através da aplicação do método histórico-gramatical ou, como é chamado também, histórico-analítico. Sempre priorizando as Escrituras, colocando-as sobre a autoridade da Igreja como instituição e defendendo o princípio do *livre exame*, buscava colocar a Palavra ao alcance de todos: intelectuais e gente simples do seu tempo.

Lessa, sobre a capacidade literária de Calvino, afirma:

Suas *Institutas*, seus judiciosos e opulentos Comentários, os sermões, tratados e escritos diversos, fazem ver nele o homem bem diferente daquele que é retratado pelos adversários ou por aqueles que o conhecem apenas de modo perfunctório, eivados ainda de sombrio preconceito, derivado da leitura de periódicos e de livros tendenciosos.⁴⁵⁴

Aos 22 anos, em 1529, escrevia sua primeira obra, *De Clementia*, um comentário sobre Sêneca, de cunho eminentemente humanístico, com farta citação dos clássicos, sobretudo, Cícero.⁴⁵⁵

⁴⁵³ GOUVÊA, Ricardo Quadros, op. cit., pp. 116.

⁴⁵⁴ LESSA, Vicente Temudo, op. cit. p. 248.

⁴⁵⁵ DURANT, Will. **A reforma: história da civilização européia de Wyclif a Calvino: 1300-1564.** p. 384. Cf. SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 83. A primeira obra de Calvino era uma clara consciência que o reformador tinha acerca da necessidade de tolerância, de liberdade, pois, na obra, conclama o rei Francisco I, da França, a usar de clemência para com os reformadores. Desde muito cedo Calvino abraçara o humanismo, que trazia, em seu conteúdo, a valorização do homem.

Em 1534, escreveu uma obra apologética, chamada *Psychopannychia – sobre o sono da alma* -, cujo propósito era combater as heresias dos anabatistas, que diziam que a alma dos mortos permanecia em estado de sono até o dia do juízo final. Teve sempre que enfrentar os erros dos anabatistas. Nesse mesmo tom apologético, escreveu *Adversus fanaticam et furiosam sectam Libertinorum qui se spirituales vocant* (1545), contra o partido dos Libertinos. Ainda escreveu *Resposta ao Cardeal Sadoletto* (1539); *Sobre o Livre Arbítrio*, contra Pighius (1543); *O Culto das Relíquias* (1543); *Exortação a Carlos V sobre a necessidade de uma reforma na Igreja* (1543) e *Contra o Concílio de Trento* (1547).⁴⁵⁶

Sem dúvida de que a *Instituição da Religião Cristã*, ou *Institutas*, é a obra-prima de Calvino. Escrita, como já dissemos, a partir dos dogmas do Credo Apostólico.⁴⁵⁷ A primeira edição, em 1536, consistia em seis capítulos, a partir dos quais a obra foi evoluindo, ganhando corpo e densidade bíblico-teológica no decorrer dos anos, até sua última edição. É, na verdade, o grande clássico sobre teologia sistemática, ao qual, segundo alguns, apenas *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, e a *Summa Teológica*, de Tomás de Aquino podem ser comparadas, no que diz respeito à história da teologia.⁴⁵⁸

Sem dúvida que a teologia de Calvino tem muitos matizes e é muito detalhada.⁴⁵⁹ As *Institutas* (cuja versão final é datada de 1559) são a primeira dogmática evangélica extensa. A renovação reformatória se apresenta como um contraponto à tradição escolástica e dialoga permanentemente com os escritos do AT e NT.⁴⁶⁰

⁴⁵⁶ Apenas como informação histórica, nesse mesmo ano de 1534, no dia 15 de agosto, em Montmartre, Inácio de Loyola instituiu a ordem dos jesuítas. Ano também importante pelo fato de que Paulo III excomungou Henrique VIII e estabeleceu, na Itália, a Inquisição.

⁴⁵⁷ LESSA, Vicente Temudo, op. cit. pp. 73-77.

⁴⁵⁸ GOUVÊA, Ricardo Quadros, op. cit., p. 116.

⁴⁵⁹ “Calvino não está vinculado, como Lutero, a algum ramo da Igreja Cristã; está associado mais apropriadamente a um grande sistema de pensamento. E esse sistema é tão extenso, tão penetrante, e tão poligonal que, desde um ponto de vista, é um corpo sólido de doutrinas abarcando todas as grandes verdades da religião e da vida.” *Calvin Memorial Addresses* (Savannah, 1909), p. 37.

⁴⁶⁰ O primeiro princípio do calvinismo é o reconhecimento da Escritura como a Palavra de Deus. Este foi o princípio formal da Reforma Protestante, estabelecida em todos os credos calvinistas, e o fim de toda contradição em todos os escritos próprios de Calvino. A Escritura não é somente o guia autoritativo para o caminho da salvação, mas também dota o homem de uma interpretação autoritativa da realidade como um todo, mais particularmente a existência do homem. O calvinista busca olhar todas as coisas à luz da eternidade (*sub species aeternitatis*). Ver: *La Historia y Carácter del Calvinismo* (New York, 1954), p. 433.

As *Institutas* demonstram os dois pólos complementares através dos quais o pensamento calvinista se apresenta. Por um lado, enfatiza a glória, majestade e onipotência de Deus.⁴⁶¹ Por outro lado (e igual em importância ao primeiro), trata da salvação do ser humano. Aqui Calvino se mostra como discípulo (independente) de Lutero. Ambos os conceitos estão bem unidos. Na encarnação e na salvação, manifesta-se a glória de Deus.⁴⁶² Quanto à epistemologia, Calvino trata da questão do conhecimento de Deus e conhecimento de si mesmo.⁴⁶³

⁴⁶¹ Por soberania o calvinista entende o absoluto direito de Deus em governar o mundo e fazer o que deseja. É o criador, “Pois dele, por meio dele e para ele são todas as coisas.” Juan Calvino, *Institución* (Libro I, Cap. 16, pár. 1-9; Libro III, Cap. 21, 22, 23).

⁴⁶² Porém os dois temas se interligam. Sobre isto, afirma Calvino: “Agora, foi-nos da máxima importância que fosse tanto verdadeiro Deus quanto verdadeiro homem aquele que nos houvesse de ser mediador. Se da necessidade disso se indaga, não houve, de fato, uma necessidade simples, ou, como dizem geralmente, absoluta. Procedeu, antes do decreto celeste, de que dependia a salvação dos homens. Mas o Pai clementíssimo decretou o que nos era melhor.” *Institutas*, livro II, p. 230.

⁴⁶³ “Toda nossa sabedoria – se é que merece este nome, se é verdadeira e confiável – compreende no fundo das coisas: o conhecimento de Deus e de nós mesmos. Estes dois, sem dúvida, estão vinculados de múltiplas maneiras, e por isto não é tão fácil constatar qual é superior, ou originário. Primeiro, nenhum homem pode contemplar-se sem contemplar a Deus com todos seus sentidos, o Deus em que vivemos, e nos movemos, e somos (Atos 17.28). Porque todos os dons que constituem os bens aparentemente não os temos a partir de nós mesmos. Inclusive em nossa existência como humanos consiste em ter nossa essência no Deus único. E segundo, estes dons mostram a nós como caem as gotas do céu e nos guiam como o riacho na fonte. Porque justamente nossa pobreza se reconhece mais claramente na riqueza inimaginável de todos os dons que procedem de Deus. Especialmente a decadência miserável em que caímos, porque o primeiro homem perdeu a fé, o que nos obriga a levantar os olhos. Precisamos e devemos implorar a Deus que nos dê o que nos falta, porém, ao mesmo tempo, devemos aprender a ser humildes [...]. Sentimos nossa ignorância, vaidade, pobreza, debilidade, nossa maldade e depravação, e assim chegamos a compreender que somente em Deus se achará a verdadeira luz da sabedoria, a verdadeira força e virtude, uma riqueza imensa de todos os bens e a verdadeira justiça. É justamente nossa miséria que nos faz contemplar os dons de Deus, e somente quando somos confrontados com isto é que vemos nossos defeitos, e procuramos seriamente alcançar o Senhor. Porque (naturalmente) cada homem prefere confiar em si mesmo e geralmente não se conhece por isto, pois se conforma com suas habilidades e não quer saber da sua miséria. Quem se conhece, não somente tem a motivação de buscar a Deus, mas de certa maneira é levado por suas mãos à sua sabedoria e santidade, porque ninguém pode conhecer a si mesmo sem antes haver conhecido o rosto de Deus, e nesta contemplação passa a olhar a si. Porque uma enorme soberba é inata em nós, e sempre achamos que somos impecáveis, sábios e santos, a não ser que nos enfrentemos com provas palpáveis de nossa injustiça, mácula, estupidez e impureza, e nos convençamos desta maneira. Porém, isto não ocorrerá se somente olharmos para nós mesmos e não para o Senhor, porque ele é o único parâmetro que nos permite nos autojulgarmos. Por natureza, tendemos à hipocrisia e, por isso, qualquer aparência de justiça nos satisfaz tanto, porém, no fundo, somente poderia nos satisfazer a verdadeira justiça.” *Institutas*, livro I, 1, 1 e 2.

Os quatro grandes volumes podem ser assim distribuídos: *No primeiro livro* temos a Doutrina do conhecimento de Deus como Criador e Sustentador de todas as coisas; o duplo conhecimento de Deus; a doutrina das Escrituras Sagradas; a doutrina da Santíssima Trindade; a obra da Criação e a doutrina da Providência. *No segundo livro*, encontramos o Conhecimento de Deus como Redentor; a doutrina da Queda e o pecado humano; a doutrina acerca da Lei; o AT e o NT; o Dogma Cristológico, tendo Jesus Cristo como Mediador e sua Pessoa como Profeta, Sacerdote e Rei e a obra da Redenção. *O terceiro livro* aborda a forma pela qual alcançamos a Graça de Cristo, seus Benefícios e seus feitos; a doutrina da Fé e da Regeneração; a doutrina do Arrependimento; a Vida Cristã em Cristo; o dogma da justificação; a doutrina da predestinação e a doutrina da Ressurreição Final. *O último livro* trata dos meios externos pelos quais somos chamados por Deus para vivermos uma nova vida na expressão comunitária da Fé; fala da doutrina da Igreja; a doutrina dos Sacramentos e termina sobre o governo civil.

Quanto aos livros sagrados, tornou-se um dos mais competentes comentaristas bíblicos, escrevendo sobre quase todos os livros das Escrituras. Quanto ao NT, faltaram apenas 2 e 3 João e Apocalipse. O primeiro deles foi o comentário aos *Romanos*, em 1539, ainda em Estrasburgo, que foi dedicado a Simão Grynaeus, seu professor de hebraico e grande reformador em Basiléia. Já relativamente ao AT, escreveu sobre o *Pentateuco*, *Profetas Menores*, *Salmos*, *Isaías*, *Jeremias*, *Daniel*, *Homilias sobre Jó* e *1º Samuel*. Ainda comentou o profeta *Ezequiel* até o 20º capítulo, onde não teve mais forças físicas para continuar. Seu último comentário foi sobre o livro de *Josué*, já nos derradeiros dias de sua existência.

Podemos, ainda, classificar suas obras pelos sermões e homilias catalogados. Através deles, Calvino demonstra um abençoado e rico ministério, embora seja uma literatura pouco explorada.⁴⁶⁴ Neles encontramos um pastor altamente preparado, conhecedor profundo das línguas originais, cuidadoso exegeta, um expositor primoroso das Escrituras, com rara beleza e pureza doutrinal. Encontramos neles, também, um homem completamente ligado aos problemas do seu tempo e dos seus dias. Neles encontramos também grandes e profundas exortações morais aos seus interlocutores.⁴⁶⁵ Por anos se utilizou do púlpito da Igreja Saint Pierre para vociferar com firmeza e unção a Palavra de Deus.⁴⁶⁶ Na verdade, diz Wilson Castro:

[...] verifica-se, nos sermões de Calvino, uma combinação admirável do teólogo, exegeta e pastor, pois que as suas mensagens, calcadas na boa doutrina, têm sempre uma aplicação prática às necessidades de seus ouvintes,⁴⁶⁷.

Temos também as poderosas, delicadas, amigáveis e, muitas vezes, misericordiosas, cartas de Calvino. Através delas, descobrimos um Calvino cada vez mais tolerante, misericordioso, atento às questões de seu tempo, comprometido com uma ética libertadora, através do Evangelho de Cristo. Foram mais de 2 mil cartas. Na verdade, nelas encontramos a expressão do coração de um grande homem. Nelas viajavam mais do que teologia, belos e lógicos discursos, consolo e encorajamento aos perseguidos, desafios aos nobres, príncipes e reis, viajavam também parte de seu coração, de sua alma, enfim, de sua existência.

⁴⁶⁴ FERREIRA, Wilson Castro, op. cit., p. 162.

⁴⁶⁵ SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 125.

⁴⁶⁶ Ver John Kromminga. *This is my heart – Devotional Readings from Writings of John Calvin*. Zondervan P. House. Grand Rapids MI, 1958. Nixon Leroy. *John Calvin's Teachings and Their Implications for the theory of Reformed Protestant Christian Education*. Thesis, New York Univ., 1962. James Mckinnon. *Calvin and Reformation*. Longmans Green and CO., New York, 1936.

⁴⁶⁷ FERREIRA, Wilson Castro, op. cit., p. 162. Cf. SILVESTRE, Armando Araújo, op. cit., p. 130.

Elas são espelho da alma de quem as escreve, quando nasce uma necessidade existencial e se inserem em nossa vida sem intenção literária estereotipada, mas em atendimento a um dever de comunicação de algo a alguém.⁴⁶⁸

Em outras palavras, as cartas de Calvino revelam a necessidade cada vez mais premente de atender aos problemas mais agudos da época, vividos por seus amigos. Elas revelam, também, um teólogo tremendamente contextualizado, sensível às correntes políticas, sociais, espirituais e ético-morais de seu tempo. Elas também confirmam o alcance internacional de seu ministério, sua teologia e de sua espetacular influência.⁴⁶⁹ Descrevendo a beleza e o árduo trabalho de recolher muitas cartas do reformador, Wilson Castro Ferreira afirma que:

Coube, afinal, ao Dr. Jules Bonnet a pesada tarefa da busca e reunião das muitas cartas encontradas em vários lugares da Europa, tarefa essa que lhe custou 5 anos de incansável labor e que acabaram integrando quatro grossos volumes das epístolas de João Calvino.⁴⁷⁰

Não podemos deixar de afirmar que a publicação de suas cartas serviu como instrumento apologético, pois revelavam um Calvino completamente diferente daquele que seus opositores descreviam.⁴⁷¹

Calvino também introduziu a concepção de que a obra de Cristo manifesta a realidade de seu tríplice ofício como Profeta, Sacerdote e Rei.⁴⁷² Ou seja, da mesma forma que sua concepção dos *múnus* que dirigia a Igreja e o estado, os ofícios exercidos por Cristo são identificados a partir de suas ações (ou pelo menos de como Calvino as entendia).

⁴⁶⁸ FERREIRA, Wilson Castro, op. cit., p. 151.

⁴⁶⁹ Quando reunidas, suas cartas formam nada mais nada menos do que 13 volumes da *Ioannis Calvini Opera Omnia*, e 4 volumes da coleção *Selected Works of John Calvin: Tracts and Letters*, organizado por Henry Beveridge e Jules Bonnet e tradução de David Constable. Grande Rapids: Baker, 1983.

⁴⁷⁰ FERREIRA, Wilson Castro, op. cit., p. 153.

⁴⁷¹ FERREIRA, Wilson Castro, op. cit., p. 154.

⁴⁷² O ministério mediador de Jesus Cristo é colocado em termos de “ofício” e se desdobra na triplicidade destes. Calvino assim os denomina: *Múnus profético*, *múnus sacerdotal* e *múnus real*. *Institutas*, Vol II, p. 260.

A pneumatologia de Calvino é também entendida consoante a obra do Espírito, que age na Igreja e através da Igreja. E a epifania do Espírito se dá na dinâmica da vida comunitária, na qual os crentes são convocados, guiados e animados pelo Espírito.⁴⁷³

Entre os reformadores, Calvino foi o que apresentou uma pneumatologia mais extensa, e inserida nos principais ramos da sua teologia. Na dimensão soteriológica, a ação do Espírito opera a conversão cristã.⁴⁷⁴ Na eucarística, o Espírito eleva o espírito do crente estabelecendo comunhão com o Cristo.⁴⁷⁵

Uma notável citação expressa muito bem o entendimento que Calvino tem da predestinação e a sua impressão no tocante às demandas em torno desta. Para Calvino, a predestinação não pode ser plenamente compreendida através de esquemas lógicos, mas prioritariamente através da aceitação da Escritura. Calvino responde àqueles que sepultariam toda menção da predestinação que

⁴⁷³ No comentário do Salmo 73:23, Calvino declara o papel do Espírito na preservação dos eleitos. Ele diz “a razão de não sucumbirmos, mesmo entre os severos conflitos, nada mais é porque recebemos o cuidado do Espírito Santo. Realmente, Ele nem sempre põe sobre nós o seu poder de um modo evidente e notável (pois Ele nos aperfeiçoa em nossa fraqueza), mas é suficiente que Ele nos socorra, ainda que sejamos ignorantes e inconscientes disto: de que Ele nos sustente quando nos humilhamos, e ainda nos levante quando caímos” (John Calvin, *in loci*, The Works of John Calvin. In: Ages Digital Library).

⁴⁷⁴ Ao comentar Efésios 1:14 Calvino interpreta que “o Espírito, pois, é o penhor de nossa herança, ou seja: a vida eterna; para a redenção, ou seja: até ao dia em que a redenção se plenifique. Enquanto vivemos neste mundo, necessitamos de um penhor, porque combatemos em esperança; mas quando a possessão mesma se manifestar, então cessará a necessidade e o uso do penhor” (*Efésios*, p. 37).

⁴⁷⁵ Afirma Calvino: “Se o sangue de animais era um símbolo genuíno de purificação, no sentido em que ele agia de uma forma sacramental, quanto mais o sangue de Cristo, que é a própria verdade, não só dará testemunho da purificação por meio de um rito externo, mas também aquele que realmente penetrará nas consciências humanas.” O autor mostra claramente como a morte de Cristo deve ser avaliada não pelo prisma de seu ato externo, mas pelo poder do Espírito. Cristo sofreu como homem, no entanto, a fim de que sua morte pudesse efetuar nossa salvação, sua eficácia flui do poder do Espírito. O sacrifício que produziu a expiação externa foi muito mais que uma obra meramente humana. O texto diz que o Espírito é eterno, para que saibamos que a reconciliação que ele efetua é eterna. Hebreus, pp. 231-232.

[...] a Escritura é a escola do Espírito Santo, no qual não se há de deixar por coisa alguma necessária e útil de conhecer, nem tampouco se ensina mais que o que é preciso saber. Por isto, é preciso guardar-se de ensinar mais do que é preciso saber e também impedir que os fiéis queiram saber tudo quanto na Palavra de Deus está escrito sobre a predestinação, a fim de que não pareça que queremos defraudá-los ou privá-los do bem e do benefício que Deus deseja comunicar, ou acusar o Espírito Santo de haver manifestado coisas que tinham sido preferível manter secretas. Permitamos, pois, ao cristão que abra seus olhos e seu entendimento a todo raciocínio e as Palavras de Deus quando forem ditas, de tal forma que o cristão mantenha a sobriedade e prudência, de tal forma que, quando for percebido que Deus fechou sua boca sagrada, cesse também e não leve adiante sua curiosidade fazendo novas perguntas. Tal é o limite da sobriedade que temos que guardar: que ao aprender, sigamos a Deus, deixando de falar primeiro, mas ouvindo Deus falar, sem desejarmos saber mais, nem passar adiante do ensino do Senhor.⁴⁷⁶

Esta citação contradiz de uma vez o argumento de que Calvino era um teólogo especulativo e comprova seu profundo interesse em escutar a voz de Deus falando nas Escrituras. O mesmo pensamento é poderosamente expresso por Calvino ao advertir aqueles que são demasiadamente curiosos, aqueles que não deixariam nenhum dos “segredos Divinos sem esquadrihar ou sem explorar”.⁴⁷⁷ A estes admoesta a não exceder os limites da Palavra, pois a sabedoria humana não deve entrar em labirintos proibidos, dos quais é impossível escapar. “E nós não teremos vergonha de ignorar algo, se nele há uma ignorância douta.”⁴⁷⁸

⁴⁷⁶ *Institutas*, livro III, cap. 21, 3.

⁴⁷⁷ *Institutas*, livro I, 2, 3.

⁴⁷⁸ *Institutas*, livro III, cap. 21, 2.

Finalizando, encontramos o que podemos chamar de escritos *litúrgicos e eclesiásticos*, como afirma Lessa.⁴⁷⁹ Temos as *Ordenanças da Igreja de Genebra* (1537); *Ordenanças Eclesiásticas*, concluídas para implementação das reformas da Igreja em Genebra, quando chamado para voltar à cidade, em 1541. Elas faziam parte dos seus escritos litúrgicos e catequéticos, pois entendia que uma das formas eficazes de recuperar a vida espiritual e, conseqüentemente, moral do povo era instruindo-o da melhor forma possível. Escreveu um *Saltério*, uma pequena *confissão de fé* e um *catecismo*, a fim de complementar sua obra *A Forma das Orações* (1542). Escreveu também *Fórmula do juramento prescrita aos ministros* (1542); *Ordem do casamento* (1545); *Visitação de Igrejas* (1546); *Ordem do Batismo* (1551); *Ordenanças Eclesiásticas e Leis Acadêmicas* (1561).⁴⁸⁰

O teólogo Ricardo Gouveia estabelece uma verdadeira síntese do pensamento de João Calvino, a partir de suas obras, onde através de certas áreas de sua caminhada teológica, percebe-se sua estrutura filosófica. Vejamos:

Alguns dos principais fundamentos filosóficos que estão presentes em estado germinal ou latente nas obras de Calvino mostram que seu pensamento é *pressuposicional* e *antitético* ante o pensamento apóstata, a *heteronomia revelacional* associada a pressupostos escriturísticos, a *antropologia ptomática* que inclui a da infinita diferença qualitativa entre o Criador e suas criaturas, dos *efeitos noéticos* do pecado e do *sensus divinitatis*, a escatologia *palingenética* que determina os rumos do pensamento sóciopolítico reformado.⁴⁸¹

⁴⁷⁹ LESSA, Vicente Temudo, op. cit. p. 153.

⁴⁸⁰ Ainda poderíamos citar outras inúmeras pequenas obras ou tratados, como eram chamados. Mas cremos ser suficiente para visualizarmos o quanto Calvino dedicou sua vida aos estudos e à magnífica tarefa de escrever.

⁴⁸¹ GOUVEIA, Ricardo Quadros. **A Importância de João Calvino na Teologia e no Pensamento Cristão**. In LEMBO, C. et al. *O Pensamento de João Calvino*. São Paulo: Mackenzie, Vol. 2, p.121; Segue um pequeno esclarecimento com respeito aos termos e conceitos filosóficos utilizados: *pressuposicional* – que parte de premissas não declaradas de um raciocínio e utilizadas no decorrer do mesmo raciocínio, mas que não foram previamente enunciadas, não havendo, pois, um compromisso definitivo em relação a ela; *antitético* – pressupõe um conflito de conhecimentos aparentemente dogmáticos, sem que se atribua a nenhum deles um direito predominante ao assentimento; *heteronomia revelacional* – lei de Deus ou estabelecida fora do homem, cujo conhecimento lhe é revelado; *efeitos noéticos* – derivados do estudo das leis do pensamento, que são os quatro princípios: identidade, contradição, terceiro excluído e razão suficiente; *sensus divinitatis* – senso comum da presença e existência da divindade gravado na mente humana; *palingenética* – segundo os estoicos, renascimento do mundo depois do término de um ciclo de vida. Esse termo foi usado freqüentemente neste sentido ou sentido análogo e às vezes também em sentidos restritos ou particulares: para designar o renascimento da alma, ou, em sentido retórico, para indicar qualquer renovação radical.

Ainda sobre a importância do corpo doutrinário de Calvino, o historiador Timothy George declara o seguinte:

A grande realização de Calvino foi tomar os conceitos clássicos da Reforma (*sola gratia, sola fides, sola scriptura*) e lhes dar uma exposição clara e sistemática, que nem Lutero nem Zwinglio jamais fizeram, adaptando-os ao contexto civil de Genebra. Dessa cidade, tais conceitos assumiram vida própria e desenvolveram-se numa nova teologia internacional [...].⁴⁸²

⁴⁸² GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*, op. cit., p. 166.

Conclusão

Quando lançamos um olhar histórico sobre o período pré-reformado, constatamos que a Reforma Protestante não aconteceu de repente, mas foi resultado de uma série de acontecimentos políticos, econômicos, sociais e, essencialmente, religiosos. Na verdade, houve uma fermentação que culminou com tal evento. O que fizemos foi destacar alguns dos principais eventos e pré-reformadores, como pano de fundo, preparando o caminho para a apresentação, em seguida, do reformador francês, evidenciando uma biografia detalhada, seu ardor como reformador e suas obras.

Diante do exposto, nosso maior interesse, a partir desse momento, é levantar o pensamento do reformador francês, nas áreas antropológica, cristológica, soteriológica e eclesiológica, a fim de que, posto isso, respondamos a seguinte pergunta: em que tais paradigmas teológicos oferecem elementos para fundamentar a temática da liberdade cristã, num contexto moderno e pós-moderno? Eis nossa próxima caminhada.